



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**SOBRE PEDAÇOS DO MEU CORAÇÃO E SOBRE MINHA HISTÓRIA: DOS BÁUS
FAMILIARES AO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO E DE FORMAÇÃO COMO
HISTORIADOR-DOCENTE DESDE OS ANOS DE 1970 ATÉ HOJE**

TARCÍSIO BARRETO LEITE

CAMPINA GRANDE-PB

2023

TARCÍSIO BARRETO LEITE

SOBRE PEDAÇOS DO MEU CORAÇÃO E SOBRE MINHA HISTÓRIA: DOS BÁUS
FAMILIARES AO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO E DE FORMAÇÃO COMO
HISTORIADOR-DOCENTE DESDE OS ANOS DE 1970 ATÉ HOJE

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silede Leila Oliveira Cavalcanti

CAMPINA GRANDE-PB

2023

TARCÍSIO BARRETO LEITE

SOBRE PEDAÇOS DO MEU CORAÇÃO E SOBRE MINHA HISTÓRIA: DOS BÁUS
FAMILIARES AO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO E DE FORMAÇÃO COMO
HISTORIADOR-DOCENTE DESDE OS ANOS DE 1970 ATÉ HOJE

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Silede Leila Oliveira Cavalcanti (UFCEG)
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Regina Coeli Gomes Nascimento (UFCEG)
(Examinadora Interna)

Prof^a. Dr^a. Manuela Aguiar Damião de Araújo (UFRRN)
(Examinadora Externa)

Dedico este trabalho a Terezinha Barreto Leite (in memoriam), minha querida mãe, que tanto lutou e quis ver seus filhos formados. Embora não tenha sido possível, em vida, testemunhar esse momento, registro que todo seu carinho, amor e dedicação nunca foram em vão. Para sempre, te amo, minha mãe! Dedico, ainda, ao meu irmão Taciano Barreto Leite, que sempre esteve ao meu lado (ainda que distante, fisicamente), como meu amigo, meu parceiro e minha força.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a toda minha família, por todo amor e respeito, que sempre tiveram por mim.

Aos professores e às professoras que tive na vida, incluindo minha mãe (com seus métodos peculiares de ensinar); em especial, às professoras Regina Coelli e a Silêde Cavalcanti, pelas orientações e palavras de confiança.

Aos companheiros e às companheiras de curso: Edvânia, Erik, Érika, Everton Aragão, Fernanda, Jeferson, João Igor, Karine, Lucas, Luiz Fernando (Lulinha), Maria Fernanda, Michel Ricart, Raí, Rosa, Victória Cecília, Virgínia e Yona Kaluaná. Em especial, agradeço a Renally Leão, Karol Miranda, por toda parceria e pelos desafios vencidos juntos. Nessa reta final, agradeço a Anderson Sales (Bobby), que foi quem me deu força e compartilhou comigo as angústias de escrever o TCC.

Um agradecimento muito especial ao meu amigo, que se tornou um irmão, Tiago da Silva Araújo. Acredito que, sem a ajuda dele, este momento não teria sido possível, pela paciência com minha inabilidade tecnológica.

Um galo sozinho não tece uma manhã: Ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe este grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos (Tecendo a manhã, João Cabral de Melo Neto)

RESUMO

Este trabalho objetivou narrar as minhas reminiscências e experiências sociais desde a infância, através de uma “máquina do tempo”, que passou pelo meu processo de escolarização, minhas relações familiares e de profissionalização, com os dilemas de minha formação como graduado do curso de licenciatura em história, na UFCG, desde os anos de 1990, como pioneiro da turma noturna, da UFPB, campus II, até o meu retorno, no ano de 2016, com a conclusão no ano de 2023. Partindo de minhas memórias, lancei mão do relato de experiência e da escrita de si, através dos pressupostos teóricos de Paul Ricoeur (2007), com os conceitos de memória e esquecimento. Para uma narrativa histórica da escrita de si, recorri a Michel de Foucault (2014). Com relação à prática de ensino em história, na educação de jovens e adultos (EJA), na Escola Poeta Alceu Amoroso Lima, na cidade de Campina Grande, experimentei as práticas pedagógicas de Paulo Freire (1996).

Palavras-chave: Experiências Sociais. Escolarização. Práticas de Ensino em História. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

ABSTRACT

This work aimed to narrate my reminiscences and social experiences since childhood, through a "time machine", which went through my schooling process, my family relationships and professionalization, with the dilemmas of my training as a graduate of the degree course in history, at UFCG, since the 1990s, as a pioneer of the night class, at UFPB, campus II, until my return, in 2016, with the conclusion in 2023. Starting from my memories, I used the experience report and self-writing, through the theoretical assumptions of Paul Ricoeur (2007), with the concepts of memory and forgetting. For a historical narrative of self-writing, I turned to Michel de Foucault (2014). Regarding the practice of teaching history, in youth and adult education (EJA), at Poeta Alceu Amoroso Lima School, in the city of Campina Grande, I experienced the pedagogical practices of Paulo Freire (1996).

Keywords: Social Experiences. Schooling. Teaching Practices in History. Youth and Adult Education (EJA).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Retrato dos meus pais (A – gravidez: meus 8 meses)	14
Figura 2 - Casamento de meus pais.....	14
Figura 3 - Registros Escolares: eu (A) e meu irmão (B)	16
Figura 4 - Indústria Caranguejo	17
Figura 5 - Indústria Caranguejo (Estação Velha ao fundo).....	18
Figura 6 - Declaração de Nascido Vivo	20
Figura 7 - Meu avô, Severino Barreto e Tio Luiz Cajaca (<i>in memóriam</i>), Rio do Ouro-RJ	23
Figura 8 - Família reunida na casa do Catolé, em Campina Grande-PB.....	26
Figura 9 - Escola da Igreja Assembleia de Deus.....	31
Figura 10 - Boletim escolar.....	32
Figura 11 – Escola Estadual Dr. Gomes de Mattos Sobrinho	32
Figura 12 - Recorte do Jornal da Paraíba - divulgação de aprovados no concurso da CELB	35
Figura 13 - Comprovante de Matrícula - UFPB - Campus II.....	40
Figura 14 - Panfleto Grupo Gay da Bahia (recorte do autor).....	47
Figura 15 - Escola Estadual Escritor Alceu Amoroso Lima	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CELB** – Companhia Energética da Borborema
- EJA** – Educação de Jovens e Adultos
- ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio
- FUNDAC** – Fundação de Apoio à Criança e ao Adolescente
- GAV** – Grupo de Apoio à Vida
- GGB** – Grupo Gay da Bahia
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IFOCS** – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
- LDBEN** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MOBRAL** – Movimento Brasileiro de Alfabetização
- ONG** – Organização Não Governamental
- PCN's** – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PNAA** – Plano Nacional de Alfabetização de Adultos
- PT** – Partido dos Trabalhadores
- SAELPA** – Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba
- SANBRA** – Sociedade Algodoeira do Nordeste
- SEBRAE** – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso
- UFMG** – Universidade Federal de Campina Grande
- UFPB** – Universidade Federal da Paraíba
- UFRN** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- UNESC** – União de Ensino Superior de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – REVISITANDO MINHA BIOGRAFIA: DO FILHO DE IMIGRANTES PARAIBANOS NO RIO DE JANEIRO AO ADOLESCENTE QUE RETORNA À RAINHA DA BORBOREMA.....	13
1.1 Narrando sobre mim, sobre nós: memórias, lenços e documentos de identidade social	20
1.2 A cada lembrança, saudades, choro, riso e muitas ressignificações das experiências e de minha história.....	25
1.3 Primeiros anos na escola: a pedagogia da Assembleia de Deus e a tentativa de doutrinação.....	30
CAPÍTULO 2 – LEMBRANÇAS JUVENIS DA PARAÍBA, DO CARIRI AO LITORAL: DAS FÉRIAS AO RETORNO DEFINITIVO À RAINHA DA BORBOREMA	34
2.1 Experiências de novas identidades sociais, profissionais e formativas no ensino noturno: o PREMEM e as andanças pedagógicas	34
2.2 No ardor da juventude, descobertas e construção de saberes do cariri ao sertão.....	36
2.3 O retorno definitivo à Paraíba: os anos noventa e minhas histórias de ganhos e de perdas	38
2.4 O adeus e o renascimento	41
2.5 O retorno do historiador/docente: outras práticas educativas e formativas na UFCG após duas décadas de afastamento	42
2.6 Estéticas de minha sexualidade: da rejeição ao acolhimento de meu corpo e de meus desejos.....	45
CAPÍTULO 3 – NARRANDO MINHAS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO NA ESCOLA ALCEU DO AMOROSO LIMA: OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR DE HISTÓRIA NA MODALIDADE EJA.....	51
3.1 “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”: enfim, minha experiência e estágio docência na EJA.....	51
3.2 A EJA como um direito e a EJA que queremos	52
3.3 Os estágios na Escola Alceu do Amoroso Lima.....	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	61
ANEXOS	64

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendo apresentar um relato de experiência. Como eixos teóricos, destacam-se: Foucault (2014), com a escrita de si; Ricoeur (2007), com o conceito de memória, história e Esquecimento. Apesar de os autores estarem de lados opostos, segundo Duarte (2023), esse aspecto não será abordado no texto.

Houve certo impasse com relação à escolha do tema, no sentido de sua relevância para o futuro. Nesse sentido, ao dialogar com a minha orientadora, surgiu o tema para este TCC, o qual foi desencadeado pela necessidade de se refletir sobre o papel da memória, sobretudo provocar a reflexão sobre o fortalecimento das novas perspectivas históricas, as quais não devem ser narradas apenas por grupos sociais dominantes ou privilegiados, com discursos hegemônicos de poder. Sabendo que “Tudo, todos e todas têm história”, o estudo das memórias atua como um movimento histórico, que vem impactando e ocupando mais lugares de destaque na academia.

Vale dizer que, antes de optar por tal temática, outros temas me vieram à mente, como: A Escravidão, em razão de minha ancestralidade negra e das histórias que ouvi de meu pai; A Patologização da Homossexualidade, baseado no livro *Psychopathia Sexualis* – escrito pelo psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebbing, no final do século XIX – no qual ele narra desvios e perversões sexuais, tratando a maioria destes como transtornos, inclusive, o “homossexualismo”; por último, o Negacionismo e a Fake News, pelo momento histórico, atravessado pelo Brasil, com um governo de extrema-direita, autoritário e com ataques constantes à democracia e ao estado de direito, que utilizava dessas estratégias para “passar a boiada”, “desmantelar” direitos sociais e promover o ódio, o racismo, a homofobia, a xenofobia. Na reta final, mudei de tema, por acreditar que histórias pessoais também são capazes de dar bons frutos e de arrastar pessoas pelo exemplo.

Nesse quadro, se desenhou o objetivo de tecer uma história não oficial, por meio de vozes particulares, compreendendo que a história é viva e se movimenta. A partir dessa perspectiva, podemos compreender que não se trata de uma visão, que constrói a narrativa histórica atual como certa e que desqualifica a anterior, mas, sim, trazer à tona a necessidade de romper paradigmas e desconstruir as estruturas de poder e opressão, a partir da história como instrumento.

Pensando nisso, a escrita de si é um gênero narrativo, colocando o narrador em primeira pessoa, com o objetivo de individualizar a memória e refletir sobre si mesmo. Desse modo,

a escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementariedade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha um papel de companheiro [...] em todo caso, seja qual for o ciclo de exercício em que ela ocorre, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askêsis*: ou seja, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação (FOUCAULT, 2014, p. 142 e 144)

Falar de si é um exercício penoso e solitário; “escrever é portanto, ‘se mostrar’ se expor, fazer aparecer se próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2014, p. 152). São muitas as perguntas feitas a si mesmo, sendo, pois, um exercício da modernidade de representação da realidade.

Há um vasto material sobre a memória, mas a escolha pelo filósofo Paul Ricoeur se deu pela possibilidade de se pensar múltiplos saberes; dentre eles, trabalhar com o conceito de narrativa da memória. Segundo o filósofo em questão, toda história escrita tem narrativa. Além disso, “[...] nosso famoso dever de memória enuncia-se como a exortação de não esquecer. Porém, ao mesmo tempo, e no mesmo movimento espontâneo, afastamos o espectro de uma memória que nada esqueceria” (RICOEUR, 2007, p. 424), trazendo a ideia de rememoração de Platão, na qual não se pode lembrar ou narrar tudo, mas temos o dever de não nos esquecermos.

É impossível se lembrar de tudo, é impossível narrar tudo, principalmente quando se usa a memória natural. Sabendo disso, Ricoeur evidencia a questão do esquecimento e da memória; esta, por mais pragmática e seletiva, deve ser exercida.

Em meio a isso, as fotografias são consideradas fontes históricas e documentais (KOSSOY, 2012), compondo imagens das memórias narradas, as quais me auxiliam como testemunho de uma trajetória de emoções, sendo compartilhada neste texto.

O objetivo deste relato é o de perceber como se dá a relação da narrativa de si dentro de uma temporalidade, com minhas reminiscências (memórias/esquecimentos), as quais foram capazes de produzir uma história de vida.

Durante o resgate da memória, na construção da estética textual, os capítulos insistiam em se fundir, “se transversalizando” como se os fios quisessem dar um nó, já que o narrador é em primeira pessoa. A forma de organização da escrita, atrelada a uma preocupação com a estética textual, me fez “mergulhar” em incertezas que todos e todas passam ao final do curso. Se despir da curiosidade alheia, não é tarefa fácil; tentei ser o mais fiel possível aos fatos, na certeza de que nem tudo poderia ser lembrado ou historicizado nesta experiência autobiográfica.

Diante das narrativas, o presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, o eu escritor evidencia minha ancestralidade, em um processo máximo de aproximação, ancorado, principalmente, no que ouvi falar de outros sujeitos sociais, refletindo que não é necessário se sentir parte integrante do lugar onde nasceu, para entender que aquele não era o seu lugar. Um capítulo que fala dos dramas vividos e relatados por minha mãe. Dos primeiros anos escolares e da batalha por uma vaga na escola.

No segundo capítulo, há uma narração mais detalhada das minhas experiências escolares, do choque em ser aluno no turno da noite, com idas e vindas. Em tal capítulo, abordo as angústias pessoais e perdas; de como se reforçou em mim o desejo de ficar na Paraíba, pois, a cada temporada de férias, havia uma inquietação e um desejo de ser. É nesse capítulo que destaco a minha experiência institucional, com o meu retorno à UFCG há mais de duas décadas. Nesse momento, evidencio o processo de aceitação da minha sexualidade e da beleza de viver sem culpas. Narro, assim, as experiências que vivi e não somente as que ouvi: “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em força e em sangue’” (FOUCAULT, 2014, p. 147).

No terceiro capítulo, faço um relato da minha experiência em uma turma da EJA, refletindo sobre os desafios da docência. Nesse sentido, produzi um relatório analítico-descritivo, trazendo, inicialmente, uma temporalidade histórica, anterior à criação da EJA, destacando minha experiência como professor em uma sala da EJA, com suas dificuldades e realizações, sendo uma luta travada pela educação. Observei, ainda, o perfil dos poucos alunos presentes no estágio.

A narrativa, presente neste texto, não é exatamente cronológica, pois as lembranças “se movimentavam em minha mente”, assim como eu me movimentava, por vezes, retornando a passagens já ditas, na intenção de tecer o tempo, de desmanchar alguns nós, do que me veio chegando aos pedaços. O capítulo que aborda a minha sexualidade é um exemplo disso, pois este “poderia ter se deslocado” para outro momento do texto, mas a dinâmica das situações do meu passado me permitiu colocá-lo mais atrás, já que minha sexualidade não estava presa em um determinado tempo.

CAPÍTULO 1 – REVISITANDO MINHA BIOGRAFIA: DO FILHO DE IMIGRANTES PARAIBANOS NO RIO DE JANEIRO AO ADOLESCENTE QUE RETORNA À RAINHA DA BORBOREMA

Eu, Tarcísio Barreto Leite, libriano, filho de imigrantes nordestinos (Terezinha Barreto Leite e Narciso Leite), encaro o desafio de entrar nos recônditos de minha história, na tentativa de compartilhar com vocês minhas impressões sobre aspectos da vida cotidiana, da construção de minha subjetividade, que me trouxeram até aqui, quebrando alguns paradigmas, principalmente o de que a história só pode se basear nos documentos oficiais, os quais também se farão presentes aqui, por fotos, porém, as narrativas serão baseadas, sobretudo, em minhas memórias. Trago comigo a certeza de que muitas lembranças serão esquecidas, não ditas, por diversos motivos. Assim,

nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo o momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, mas que, no entanto está semente a espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em qualquer lugar (FOUCAULT, 2018)

Já havia feito esse exercício em sala de aula, de forma muito reduzida e agora me proponho à difícil tarefa de historicizar minhas vivências, compreender a importância da memória na história em sua continuidade dialética.

Nasci na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, por uma mera questão de meses, pois minha mãe desembarca na rodoviária Novo Rio, aos seis meses de gestação, no ano de 1977. Vinda de Campina Grande, minha mãe (Figura 1A) nasceu na zona rural da cidade de Taperoá, região do semiárido brasileiro, na microrregião do cariri ocidental paraibano, mas especificamente no sítio Caixa D'água, no dia 6 de janeiro de 1953. Meu pai (Figura 1B) é natural da cidade de Riachão do Bacamarte, região do semiárido brasileiro, no agreste paraibano, que, na época, pertencia ao município de Ingá. Nasceu em casa, pelas mãos da avó, Dona Moça, uma mulher preta e parteira da região, em um sítio chamado de Muribeca, sendo batizado como Narciso Leite.

Ambos de origem muito humilde, minha mãe, segundo ouviu de minha avó, nasceu embaixo de um pé de umburana; moravam em casa de taipa, nas terras de terceiros. Ela me contou ter aprendido a ler de forma quase autodidata, pois um vizinho lhe ensinara algumas letras, a contragosto de meu avô, visto que este não queria que ela aprendesse palavras “feias”.

Figura 1 - Retrato dos meus pais (A – gravidez: meus 8 meses)



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Eram quatorze filhos e filhas ao total, mas apenas oito chegaram à idade adulta, entre eles, a minha mãe, Terezinha Barreto, que, após o casamento (Figura 2), passa a se chamar Terezinha Barreto Leite, incorporando o sobrenome do meu pai, uma prática quase que obrigatória. Viviam da agricultura, mas meu avô, Severino Barreto, em tempos de seca severa, segundo minhas tias, “era obrigado” a trabalhar nas “emergências” do governo, de baixo de um sol inclemente. Já minha avó, Ana Tavares, vendia ervas, como: coentro, cebolinha, e ovos de galinha de capoeira na feira de Taperoá, sempre que as condições climáticas permitiam.

Figura 2 - Casamento de meus pais



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Meu pai conforme dito várias vezes por ele mesmo, era marginalizado pelas pessoas de sua comunidade, por diversos estigmas: ser filho de uma mulher pobre, preta, não alfabetizada, com um homem branco, de posses, para os padrões da época, o qual era casado com outra mulher. Homem esse que, segundo meu pai relatava, praticamente ignorava a existência dos quatro filhos que teve com ela.

Vale dizer que meu pai não foi o primogênito, pois minha avó já havia tido um filho com outra pessoa, filho esse que faleceu ao nascer. Porém, há algo nesse encontro, entre meus avós biológicos, que não consegui compreender, o fato de ela ter conseguido colocar no registro civil dos filhos o sobrenome do pai.

Minha avó, meus tios e meu pai moravam em uma casa de palhas de coqueiro. Segundo ele, para não passar o dia sem se alimentar, colhia frutas, nos sítios, sem autorização, apenas para saciar a fome.

Ela era natural do Estado de Pernambuco. Meus ancestrais trabalharam em engenhos de cana de açúcar, na zona da mata, de acordo com o que meu pai ouviu da minha avó materna. Eles eram descendentes de escravos; a cor da pele e a historiografia dão confiabilidade às palavras da minha bisavó, que também contou a meu pai que há quase cem anos ela, os filhos e as filhas vieram fugidos para o interior da Paraíba, em razão de rixas entre famílias rivais e que, inclusive, tiveram que mudar os sobrenomes, apelidos, pois a família dela era conhecida como “a família dos gatos”. Meu pai só não soube informar a natureza do apelido. Talvez, assassinatos, motivados por vingança, tenham sido o motivo de meu pai, meus tios e minha tia Maria não terem recebido o sobrenome de minha avó materna, como forma de apagamento desse passado marcado por mortes.

Nesse momento, o exercício de esquecimento foi em busca de paz e pelo medo, na tentativa de apagar rastros (2007). Outros parentes seguiram para o Recife. Minha avó teve um sexto filho, que não era filho biológico do meu bisavô. Além disso, meu tio Cláudio Leite viu minha avó ter o bebê e, devido às condições extremamente precárias de vida, esse bebê teve de ser colocado na roda dos enjeitados, em Campina Grande, algo que causou um sofrimento intenso para ela, uma chaga aberta até hoje.

Reiterando que uma mulher preta, pobre, analfabeta e com outros filhos para criar, se viu sem alternativa, a não ser entregar a criança às freiras em Campina Grande, tarefa feita por minha bisavó, Dona Moça, que, além de parteira, era rendeira. Ela foi quem ficou responsável pela criação dos netos e da neta enquanto minha avó trabalhava, ora em casa de família ora na antiga SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste), localizada na cidade de Campina Grande, desfiando agave, para a fabricação de cordas de sisal.

Nesse contexto, como os caminhos de meus pais se cruzaram? Várias vezes, na infância, fiz essa pergunta aos dois. O encontro ocorreu em 1974, na cidade de Campina Grande, também carinhosamente chamada de Rainha da Borborema, quatro anos antes de eu nascer. Eles tiveram dois filhos. Nasci em 02 de outubro de 1977 e meu irmão Taciano nasceu em 20 de novembro 1980, ambos nascemos quando meus pais já moravam no Estado do Rio de Janeiro. Registros meu e do meu irmão (Figura 3):

Figura 3 - Registros Escolares: eu (A) e meu irmão (B)



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

O casamento dos meus pais ocorreu no dia 8 de outubro de 1976, na cidade de Junco do Seridó, localizada na microrregião do Seridó, no estado da Paraíba, cidade onde moravam meus avós maternos: Sr. Severino Barreto da Silva e Sra. Ana Tavares. Segundo minha mãe, a cerimônia saiu como planejado, a não ser pelo fato de não terem prendido a grinalda corretamente, situação que, aos olhos das pessoas a época, seria um sinal que a mulher não seria mais virgem, o que não era o caso dela e, segundo ela mesma falava, meu pai já queria contrair núpcias antes do casamento na igreja, com a justificativa que já estavam casados no cartório civil. Porém, minha mãe afirmava que “casamento que vale, pra mim, só na igreja!”. Essa fala reflete um contexto histórico, em que a religiosidade era a base daquela sociedade rural do interior do Brasil.

Ambos eram muito pobres, principalmente na infância. Minha mãe morava em casa de taipa, como já mencionei, e na propriedade dos outros. Meu pai morava em uma casa de palha, em um sítio que também não pertencia a ele, apesar de o pai biológico ter terras e curtume na zona rural do município de Serra Redonda. Quando eu nasci, a situação era um pouco melhor: meu pai trabalhava no Rio de Janeiro, para onde fora levado por um senhor que era amigo e vizinho de minha avó paterna. O pai biológico de meu pai nunca proveu

minha avó e os quatro filhos que teve com ela. Somente após a morte dela é que ele teria levado minha tia Maria, para morar com ele, por um curto espaço de tempo, na casa de uma das esposas dele, na cidade de Bayeux.

Esse senhor que teria levado meu pai ao Rio de Janeiro, Sr. Cícero Agra, é quem atualmente devoto meu amor de neto e sempre senti a reciprocidade de amor, não somente ele, mas toda a família, a ponto de considerar suas duas filhas como minhas tias. Além disso, a mais velha também é minha madrinha e cuidou de mim logo após meu nascimento. São pessoas que, desde meu primeiro entendimento de ser humano, me devotam amor e que fazem parte da minha mais terna memória, já que minha avó materna havia falecido bem antes de eu nascer e o meu avô biológico, ainda vivo, ignorava a minha existência.

Minha mãe começou a trabalhar muito cedo em casa de família, na cidade Campina Grande, inclusive, essa era uma prática comum à época. Ela me contou que alterou a idade, para ser maior antes do tempo, de modo que, aos 15 anos, fez seu próprio registro de nascimento, como se tivesse 18, e assim poder trabalhar como empregada doméstica em casa de família, mais especificamente, na casa dos proprietários da engarrafadora da aguardente Caranguejo, sem a carteira de trabalho assinada, algo que até bem pouco tempo era uma prática recorrente. Talvez, por isso, ela, um pouco mais a frente, passasse a trabalhar na própria engarrafadora (Figuras 4 e 5), situação que não dou como certa, pois, no momento presente, ela já não está entre nós em matéria.

Figura 4 - Indústria Caranguejo



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Lá conhece Eliete, que veio a se tornar sua grande amiga, por toda a vida. Ela, como tantas outras, que surgiram em minha vida, foi mencionada durante o texto, pois estabelece uma relação em termos de vínculos familiares, adotivos ou de amizade. Vale dizer que a amizade delas durou até a morte prematura de minha mãe aos 56 anos. Tia Eliete namorava um rapaz que, segundo minha mãe, teria insistido, para que minha mãe conhecesse o seu irmão mais velho, que morava no Rio de Janeiro. Ela namorava meu tio Cláudio Leite e, a essa altura, já percebemos que o irmão mais velho em questão é o meu pai; assim começa minha história, muito antes de eu nascer. Fiz questão de ouvir essa história diversas vezes da minha mãe, pois tenho essa necessidade de ouvir histórias, fazer as pessoas se sentirem protagonistas, mesmo que elas não percebam esse protagonismo.

Figura 5 - Indústria Caranguejo (Estação Velha ao fundo)



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Segundo minha mãe, nesse primeiro encontro, ela fez questão de não dar importância a ele, principalmente por um beliscão, que ela levou dele, e que somente, meses depois, sem ela esperar, ele a reencontra, quando minha mãe voltava do trabalho, a pé, pela Avenida Almeida Barreto. Passado o susto, pois meu pai estava escondido, em uma esquina, e ela achava que se tratava de um assalto, os dois seguiram conversando até a residência da tia dela, que ficava em varanda da Estação Nova, na Avenida Almeida Barreto, onde morava de favor. Inclusive, segundo ela, sua família residia por ali, por uma questão de logística, pois vinham do cariri de trem e o desembarque era na Estação Nova, ali situada.

Três anos e três meses, depois de idas e vindas do namoro, inclusive, com rompimento de noivado, em virtude do caráter boêmio de meu pai, eles se casam e vão morar no bairro do Catolé, em Campina Grande, onde meu pai já havia adquirido uma residência, com o dinheiro que havia ganhado, trabalhando no Rio de Janeiro.

Nesse bairro, moram por alguns meses e logo migram para o Rio de Janeiro (ela estava grávida de seis meses), para morar na comunidade da Mangueira, onde meu pai já tinha um “barraco” alugado em um local apelidado de Buraco Quente. Segundo palavras de minha mãe, fazia jus ao nome, pois era um lugar quente, pequeno, fedorento, sem condições de higiene, onde uma parte do esgoto, que descia do morro, caía praticamente em cima do telhado de *Brasilit* (amianto). Era um lugar quente ao extremo, principalmente para os padrões de quem vinha de Campina Grande, com suas temperaturas amenas à noite, devido à amplitude térmica. Uma condição climática de certas regiões, em que há uma variação brusca na temperatura entre o dia e a noite. No caso de Campina Grande, durante o dia, é quente; à noite, é frio. O mesmo fenômeno ocorre no deserto do Saara, guardadas as devidas proporções: durante o dia, temperaturas altíssimas e, à noite, um frio extremo.

Pelos relatos de minha mãe, nessa cidade, ela se vê isolada, pois era um lugar esquisito, com uma gente estranha. Não se adaptou ao local e, em pouco mais de um mês, se mudou para o interior do Rio; precisamente, no Rio do Ouro, um bairro bimunicipal, localizado entre os municípios de Niterói e São Gonçalo, onde meu pai já tinha uma casa própria, mas que tentou manter em segredo; é que nesse local ele era noivo de outra mulher, mesmo já sendo casado com minha mãe, um quiproquó que renderia muito aqui.

São muitas as aventuras amorosas de meu pai. Dentre as quais, destaco uma em que minha mãe fez um preparo de pimenta e colocou alho, para potencializar o ardor, e esse preparo foi guardado em um frasco de desodorante Mistral e que seria usado por ela, para jogar no rosto de uma mulher com que meu pai mantinha uma relação extraconjugal; descoberta feita por minha mãe, após a delação de um homem surdo, que, com gestos, avisou a hora e o local onde seria o encontro. No entanto, o encontro marcado para esse dia terminou frustrado: meu pai, após o banho, pensando ser desodorante dentro do frasco, aplicou o preparo nas axilas e, devido às queimaduras causadas pela reação química, impossibilitou sua saída fugaz. A reação química só foi interrompida após o uso de vinagre e, até hoje, praticamente não nasceram mais pelos nas axilas dele.

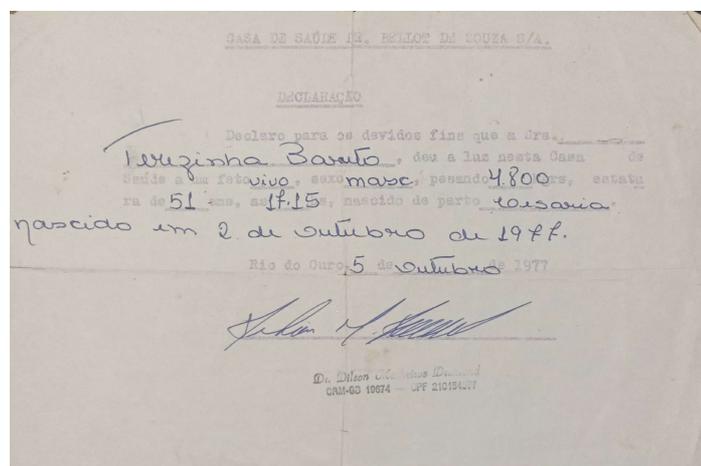
Hoje, ele se lembra do ocorrido, achando graça. Minha mãe disse que nessa cidade e na nova casa ela consegue se encontrar, pois lá a vida era mais próxima ao que ela estava acostumada, apesar do calor sufocante. O outro fator que contribuiu para isso seria o fato de o local ter muitos nordestinos residentes, em sua maioria, paraibanos, o que favoreceu novas amizades, a exemplo de sua amiga Zeni ou da minha tia Ni, outra tia que a vida colocou no meu caminho. No entanto, minha mãe sempre nutriu, até o último momento, aquilo que ficou na caixa de pandora, após ser fechada, a esperança de um dia voltar a morar na Paraíba.

A esperança é essa coisa que mexe demais com nossa imaginação e sonhos. Esperança é o que nos faz apostar na *Mega Sena*, apesar de ser quase impossível, mas te faz acreditar e te coloca a apostar. Minha mãe arriscou, algumas vezes, um retorno à Paraíba, na tentativa de realizar seu sonho de lá morar novamente, o principal entrave era o financeiro: da primeira à última vez, esse foi o ponto crucial. Foram quatro apostas frustradas de retorno, mas a última foi de longe a mais traumática: meu pai, como das outras vezes, não veio junto, porque já tinha outra família em segredo. Situação revelada por minhas tias, após sua escolha em ficar com a segunda família, no Rio de Janeiro. Com a separação dos meus pais, minha mãe se viu praticamente sem renda e com dois filhos, um de 15 e outro de 12 anos, para criar e prover sozinha, destino de várias mulheres nesse país, ainda hoje.

1.1 Narrando sobre mim, sobre nós: memórias, lenços e documentos de identidade social

Nasci no dia 2 de outubro de 1977, às 17h15min, pesando 4.800 Kg e medindo 51 cm. Meu nascimento ocorreu no hospital público Dr. Antônio Bellot de Souza, na cidade de Niterói-RJ (Figura 6). Meus pais só souberam o sexo no momento do nascimento, pois os recursos tecnológicos e financeiros eram bastante escassos, aliás, minha mãe só soube de fato horas após o parto, quando o efeito da anestesia geral passou; ela relata que, quando acordou, estava amarrada ao leito. O fato de minha mãe não estar acordada na hora do meu nascimento me deixava apreensivo e imaginava ter sido trocado no hospital, tantas são as histórias narradas de troca de crianças, mas ela sempre me tranquilizava, afirmando que no dia do meu nascimento nasceram oito crianças, mas que sete eram meninas e o único menino a nascer teria sido eu, então, sem chances de ter sido trocado.

Figura 6 - Declaração de Nascido Vivo



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Ela falava também que eu tinha demorado bastante para nascer, pois eu era grande e pesado demais, sendo pouco provável acontecer um parto normal. Assim, graças à experiência do médico, em não mais insistir no parto normal, nasci pelo parto cesariano, que foi feito às pressas. O cordão umbilical estava enroscado ao meu pescoço, o que poderia ter sido uma tragédia se o parto não fosse cesariano e, por esse motivo, nasci roxo e com baixa temperatura, inclusive, sem chorar, nem mesmo com “as tapinhas no bumbum”, sendo necessário ser colocado na incubadora, uma seleção artificial me trouxe à vida. Passado o susto, soube que a emoção tomou conta do meu pai, ao me ver pela primeira vez.

Outro fato curioso, envolvendo meu nascimento, foi meu pai querer colocar meu nome Narcisiano ou Tarcisiano, os dois com total desaprovação de minha mãe. Na verdade, ele pretendia unir o nome dele ao dela. E, mesmo eu não acreditando em anjo da guarda, no cartório, deveria ter um ou uma que contribuiu com a minha paz de espírito hoje, pois o teria orientado a colocar o que hoje consta no meu registro civil e, assim, deixando de realizar o desejo de unir o nome dele ao dela, apesar de terem errado na acentuação gráfica. Minha mãe contava que teria ficado em casa tensa e angustiada em relação ao registro do meu nome no cartório, já que cabia ao pai reconhecer e registrar o filho, mas que ficou aliviada ao pegar o registro e ler meu nome: TARCISIO BARRETO LEITE!

Desse modo, tudo seguiria dentro do previsto para uma família pobre, no interior do Rio de Janeiro, em plena ditadura militar, contexto em que o país era governado pelo General Ernesto Geisel. Eu, chorão e comilão, coisas que até hoje sou, demorei mais que o normal, em relação às outras crianças, para começar a falar, fato que só ocorreu com mais de três anos, por preguiça, segundo o médico, pois eu escutava e respondia a estímulos auditivos. Sobre isso, o médico teria dito o seguinte: “o que ele tem é muita preguiça, quando ele apontar pra algo pedindo, faça ele falar o que quer”. Depois disso, tomei gosto pela comunicação e me transformei em um tagarela.

Em compensação, andei aos nove meses, para a sorte geral, pois era um bebê bem gordinho para carregar no colo. Afora a asma, as crises de garganta e eu tendo que ir ao hospital para fazer inalações, pois não havia, na época, essa maravilha de se ter um nebulizador em casa, de resto, minha saúde era como a da maioria das crianças. Vale destacar que tive catapora, sarampo, até mesmo porque não fui vacinado contra essas doenças, além de alguns episódios de convulsão tratada com medicação controlada.

Outro detalhe da minha infância, além desses problemas de saúde, foi o fato de ter tomado bastante antibiótico na primeira infância, situação bastante lamentada por minha mãe,

mas que, segundo ela, era algo muito comum o uso indiscriminado de antibióticos. Talvez, por isso, hoje sofra tanto com problemas dentários.

Nesse contexto, meu pai já não trabalhava como servente em canteiros de obras, de prédios em construção, função que era exercida pela maioria dos nordestinos, recém-chegados aos grandes centros, em busca de melhores condições de vida, fugindo da pobreza extrema. Algo muito comum, segundo meu pai, era que muitos desses trabalhadores, após a construção dos prédios, fossem contratados como porteiros ou zeladores. Porém, meu pai, após desentendimentos com o mestre de obras, pede demissão e vai trabalhar como vendedor ambulante, camelô. Apesar da pouquíssima intimidade com as letras, ele sabia fazer contas simples, fundamentais para um vendedor. Nesse momento, minha mãe já havia largado o emprego formal, para cuidar da casa, do marido e dos filhos. A primeira casa, que me vem à mente, era pequena, mais parecia um vagão de trem e sem praticamente nenhuma privacidade, porém abrigava/cabia quem precisasse de moradia, como: tias, tios, primos, primas, além de conhecidos, que meus pais faziam questão de ajudar a se estabelecer na cidade.

Aconteceu que uma família, que morava nas ruas, foi levada por meu pai, para dentro da nossa casa, com o intuito de ajudá-los, pois “o chefe” da família havia ficado desempregado, não tendo como pagar o aluguel da casa onde morava. Assim, foram parar nas ruas do Rio de Janeiro. Essa família também era de imigrantes nordestinos.

No contexto dos anos 80, a inflação galopava, pois, pela manhã, os produtos custavam um valor determinado e, ao final do dia, o produto já havia aumentado de valor. Nesse sentido, lembro-me das maquininhas de remarcar preços. Isso ocorria também com os eletrodomésticos, pois, na compra de nossa primeira TV em cores, o valor havia aumentado durante o dia. Lembro-me bem de meus pais fazendo estoque de comida, principalmente, feijão, arroz, macarrão e óleo estocados, embaixo da pia da cozinha, ou empilhados em caixas.

Dando forma às lembranças, recordo-me que as casas eram protegidas por cercas vivas, com pés de “balõezinhos”, em razão do formato das flores, que lembravam balões vermelhos, ou com cercas de bambu, portão de madeira, fechado apenas com um ferrolho simples, telhado de *Brasilit*, que, no verão, tornava o interior da casa um lugar de calor insuportável. Além disso, não tinha água encanada e nem rede de esgoto; a rua era de terra batida e o transporte público não passava próximo. No local, havia muitas frutas, principalmente, pés de jamelão, cujos frutos tanto deixavam a língua roxa quanto manchavam as nossas roupas; a fruta era adorada pela criança e temida por nossas mães.

Por trás da nossa casa, passava o riacho D'ouro (Figura 7). No local, também existia uma fábrica de papelão, que reciclava papéis, utilizando a água do rio, e a gurizada, inclusive eu, esperava um descuido do vigia da fábrica, para pegar alguns papelões que ficavam secando ao sol, para usarmos na construção de casinhas, onde brincávamos. Tudo era bem simples, mas a vizinhança era mesmo especial: sempre pronta a ajudar, em todos os momentos, principalmente, nas desventuras; além dos festejos, pois sempre havia uma festinha pela rua.

Figura 7 - Meu avô, Severino Barreto e Tio Luiz Cajaca (*in memóriam*), Rio do Ouro-RJ



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

As músicas têm um lugar de destaque nessas reminiscências. Cantores, como: Antônio Marcos – com canções, como *Amor tem que ser amor* – Nelson Gonçalves, Nelson Ned, Diana, Núbia Lafayet, Altamar Dutra, Evaldo Braga, Gretchen compunham um repertório já esperado nos encontros de finais de semana. Porém, a música mais emblemática, nessas minhas lembranças musicais, é *Fuscão Preto*, de Almir Rogério. Apesar de ser uma música de 1974, achava a letra bem estranha, por não compreender bem os termos. O tempo das coisas era mais lento, as músicas passavam anos na preferência musical do público.

Nessa época, as rádios eram bastante populares e a televisão ganhava popularidade com programas de TV. A Turma do Balão Mágico, Cassino do Chacrinha, Os Trapalhões, e O Fantástico, que trazia a Zebrinha, que dava o placar dos jogos.

Além da lembrança da passagem do cometa Halley, que tanto frisson causou no imaginário das crianças, outra lembrança, no ano de 1985, precisamente no dia de natal, foi a

quase explosão do nosso botijão de gás, devido a um vazamento, causando quase uma tragédia. Eu estava na venda de Sr. João Gaguinho, tinha ido comprar algo para o almoço de natal, a mercearia ficava na outra margem do riacho D'ouros, que passava nos fundos de nossa casa. Nesse momento, alguns colegas da rua me encontraram e, aos gritos, disseram que a casa que eu morava estava pegando fogo. Fui correndo, junto a eles, atravessando uma ponte improvisada de madeira; quando viro a esquina, vejo uma aglomeração quase em frente à casa, pessoas gritando e o botijão com a lingueta de fogo já na rua. O almoço de natal já era para trazer um conforto para nossa família, porém, trouxe mais angústia, além do problema de saúde de meu pai, que tinha feito uma cirurgia de hérnia de disco e havia o risco de ficar paraplégico, o fogão ficou totalmente destruído e uma parte do telhado da cozinha também. Além do problema do meu pai, nesse mesmo momento, atravessávamos outros problemas de saúde com a minha tia Inês, que estava com tuberculose; meu tio Chico, que estava com hanseníase, doenças bastante estigmatizadas na época.

Assim, o que era para ser uma distração, um alento, se transformou em mais um problema. Tivemos a sorte de ter um dos nossos vizinhos, que era bombeiro militar, e estava em casa. Ele agiu com todo o conhecimento técnico e controlou as chamas. Lembro-me, nitidamente, do botijão em chamas, já na rua; foi muito marcante na minha memória.

Foi um período muito difícil. Lembro-me de que, nesse mesmo ano, 1985, houve o fim da ditadura e início da reabertura política no Brasil. Porém, por mais que eu percebesse que algo importante estava acontecendo, apesar de não ter tido impacto direto em nossas vidas, dentro de casa, não me recordo de meus pais se posicionarem positivamente ou negativamente sobre esse fato, mas me lembro de as pessoas andarem com as carteiras de trabalho assinadas, com o intuito de não serem confundidas com malandros. Só tive a exata noção dos fatos, anos depois, por meio das aulas de história, no período da minha adolescência.

Em virtude da cirurgia de meu pai (que era camelô, na época), ele não estava podendo trabalhar, as despesas da casa ficaram a cargo do meu tio Chico, que morava conosco. Foi, de fato, um tempo obscuro, com a inflação galopando, meu pai sem renda financeira e doente, minha tia doente, assim como meu tio Chico, que, mesmo doente, continuou trabalhando. As coisas pareciam herméticas demais, para termos confiança de que tudo melhoraria; parecia uma espiral de problemas. Lembro-me de minha mãe chorando, tomando café e fumando bastante, aquilo era desolador.

Porém, não só vivíamos de dores e tristezas: havia, sim, coisas legais, como nossas idas à Quinta da Boa Vista, onde fica o jardim zoológico, do estado do Rio de Janeiro, pois, além de ver os animais, sempre voltava com um avião de isopor. Lembro-me das idas à praia

de Itaipu, com suas águas geladas, mas isso não era empecilho para a gente ficar horas dentro do mar. Não usávamos protetor solar, mas, sim, bronzeador e sempre apareciam os vendedores das famosas rosquinhas de polvilho Globo, embaladas em sacos de papel.

Dentre as muitas lembranças dessa época, uma delas foi a morte do presidente eleito Tancredo Neves, sendo repercutida em todos os noticiários da TV. O ano era 1985 e eu tinha oito anos, mas já percebia a importância do evento para o país. A carestia e a inflação também eram assuntos constantes e, como diziam, “andava a galope”, algo que só vai mudar com a entrada do plano real em 1993 e, em 1994, com a nova moeda. Nesse ano, assinei minha carteira de trabalho e fui trabalhar como ascensorista de elevador, no Palácio do Comércio, em Campina Grande, recebendo 50% do salário mínimo da época.

1.2 A cada lembrança, saudades, choro, riso e muitas ressignificações das experiências e de minha história

Daqui por diante, o que narro se passa na nova casa, em Inoã, um dos distritos do município de Maricá-RJ. Apesar de “nova”, era muito precária, nos primeiros meses, pois nos mudamos em plena construção. A casa não tinha telhado, não tinha portas e nem janelas, não tinha banheiro e sequer vaso sanitário, nem ao menos comprado, também não tinha pia, a louça era lavada em uma bacia em cima de uma bancada improvisada em tábuas, a céu aberto. Não tinha piso, as paredes não tinham reboco, a casa mais parecia ter saído das letras de uma canção: “era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada”, o que tinha era basicamente as paredes e alguns poucos móveis, como: camas, mesa, fogão, que era o único item mais novo, porque o antigo havia sido consumido pelo fogo, no natal de 1985. Não tinha geladeira, não que na casa antiga tivéssemos, mas a situação era suprida pela solidariedade de vizinhos que tinham esse item de luxo e, na nova morada, o socorro vinha de um poço de manilhas, cavado após a mudança, já que, por mais quente que estivesse o clima, a água, além de doce, saía em temperatura refrescante, situação suprida alguns anos depois com a aquisição de uma pequena geladeira.

Nossa situação era muito precária no Rio de Janeiro, apesar de meus pais terem uma casa na cidade de Campina Grande, situada no bairro do Catolé, com estrutura minimamente confortável, com itens, como: enceradeira e todo mobiliário para o conforto da família; com geladeira, item que, no calor do Rio de Janeiro, seria algo de primeira necessidade, água encanada, apesar de não ter rede de esgoto e nem rua pavimentada, mesmo assim, as condições eram melhores. Na Figura 8, da esquerda para a direita: é possível ver minha tia

Eliete (comigo, no colo), Dona Cosma (vizinha – *in memoriam*), minha vó Ana Tavares, Tio Chico (ao fundo), minha mãe e meu pai.

Figura 8 - Família reunida na casa do Catolé, em Campina Grande-PB



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Em relação a brinquedos, o único brinquedo mais moderno que tive na infância foi um carrinho bate-volta à pilha, era um fusca dos bombeiros, mas também existia o da polícia, que era preto e branco, a ambulância branca, e todos com giroflex e sirene. A casa nova se localizava em um terreno sem documentação, na verdade, uma posse de parte de uma antiga fazenda na Região dos Lagos, comprado por meu pai em sociedade com meu tio Chico. Local conhecido como risca faca, devido a um episódio de briga em um bar que já não existia quando nos mudamos, mas que não saiu da memória coletiva do local até hoje. Mesmo com a mudança para a casa engraçada, eu continuava na antiga escola, para não perder o ano letivo, transferência escolar era quase impossível.

A verdade é que sempre tive tias que me devotaram e me devotam amor: tia Salomé, ou tia Meca, saiu do nordeste, para ajudar minha mãe a cuidar de mim, quando nasci. Assim, Elisabeth Agra, ou tia Beta, ajudaram minha mãe a cuidar de mim e de meu irmão por muito tempo, até o momento em que saíram da casa de meus pais, para formarem as próprias famílias, não que meus tios não fossem indiferentes, mas minhas tias tinham um olhar mais maternal: protegiam e tentavam acalantar o choro.

Nunca fui uma criança malcriada e ressonda, muito pelo contrário, era bastante obediente e gostava de estar com elas, recebendo beijos e afagos. Minha mãe era uma mulher

amorosa com os filhos, mas carregava nas costas o medo de falhar na nossa criação. E, por muitas vezes, pesou a mão e isso a endurecia tanto quanto a assustava. Os castigos e as surras eram constantes. Às vezes, meu irmão e eu ficávamos escondidos pela rua, até nosso pai chegar, para convencê-la a não nos castigar; às vezes, a casa inteira se mobilizava em nosso socorro.

Lembro-me bem de uma vez que peguei escondido um valor considerável em dinheiro do meu primo Inácio, filho de minha tia Lúcia, isso foi motivo de confusão na nossa casa e, quando foi descoberto que quem havia pegado o dinheiro havia sido eu, além da surra homérica, ela me fez falar diante das crianças, que estudavam comigo, que eu era um ladrão, um criminoso. Jamais me esqueci desse dia, algo que me marcou profundamente, não que eu lembre com profunda tristeza, mas também não lembro com alegria, acho até um pouco de graça, mas foi, sim, uma lição muito dura, um remédio bem amargo, para uma criança com sete anos. Conseguiu o efeito esperado, não toquei em mais nada que de fato não fosse meu. Não queria ser um criminoso e ir para a cadeia. Minha mãe era uma mulher muito dura nos castigos e nas punições, mas intensa no afeto, parece paradoxal essa forma de amar e punir.

Porém, no ano em que fui reprovado na quarta série do primário, ela não cumpriu a coça prometida, algo que me perturbou bastante, pois, quando cheguei em casa, ela já tinha a informação de que eu havia sido reprovado, pois todos os filhos vizinhos estudavam na mesma escola e viram o meu desespero, com medo de dizer a ela que não havia passado de ano e, mais uma vez, ela me surpreendeu, só disse: entre, eu já sei que você foi reprovado, depois a gente conversa. Esse “depois” virou uma eternidade, de dezembro para janeiro, pois esperei todos os dias pela conversa e, então, em meados do mês de janeiro, a conversa chegou. O castigo veio através de uma enxada: ela me colocou a capinar o quintal de casa.

O mês de janeiro é um dos mais quentes no estado do Rio, um calor infernal e eu limpando o mato do quintal, principalmente quando o sol estava a pino. Isso para alguém que não tinha o hábito de capinar, se tornava algo muito penoso e, mesmo com o pedido dos meus tios e tias, ela não cedeu a apelos e me castigou pela reprovação na escola. De tempos em tempos, durante a aplicação do castigo, ela perguntava: o que é melhor, limpar mato ou estudar? E, com medo de parecer afronta, respondia não saber, e ela dizia: enquanto não souber a resposta, continue capinando!

Foi, então, que meu padrinho e irmão dela, que morava conosco, tio Chico, me orientou que, na próxima vez que ela perguntasse, eu respondesse que seria melhor estudar e me garantiu que não apanharia. Segui seus conselhos e assim respondi que era melhor estudar e fui imediatamente liberado do castigo, principalmente, sem apanhar, com a promessa de me

dedicar aos estudos, mais uma promessa feita e cumprida por mim. Daí em diante, sempre fiquei com boas notas, até porque sempre fui um aluno comportado, e as únicas reclamações eram as conversas paralelas em sala de aula.

A realidade foi que no ano seguinte virei chacota na sala de aula, em razão do choro no pátio e do castigo recebido. A professora era quem mais me lembrava disso em sala de aula todas as vezes que me via conversando na hora da aula. A estrutura pedagógica da escola nos segregava, pois todas as séries terminadas em 01 eram as dos repetentes: 301, 401, 501 e assim por diante, era como uma espécie de castigo que causava vergonha. Éramos, dessa forma, vistos como fracassados, desinteressados, com sentimentos de rejeição e derrota.

Certa vez, menti para ela e, como forma de castigo, disse que iria colocar o garfo quente na minha língua, para que todas as vezes que eu fosse mentir, me lembrasse do castigo e compreendesse que mentir não é correto. Segurou-me pelo braço, próximo ao fogão, enquanto esquentava o garfo no calor do fogo. Tive a sorte de minha tia Maria – que foi das tias a mais presente, tanto física como emocionalmente, pois foi ela a primeira a saber de minha condição humana em relação a minha sexualidade; ela morava ao lado de nossa casa – me ouvir chorar baixinho, momento em que minha mãe me mandava engolir o choro. Nesse sentido, minha tia foi conferir o motivo do meu choro e se deparou com a cena e, imediatamente, bateu na mão da minha mãe, fazendo cair no chão o garfo já bem quente, a ponto de sentir o calor. Depois dessa intervenção, me fez prometer que não mais mentiria.

A criatividade, um pouco fora da curva, na tentativa de educar os filhos, era quase infundável. Por vezes, colocava a mim e ao meu irmão de castigo, de joelhos no milho, ou nos fazia retirar um pouco de chapisco na parede, para ficarmos de joelhos, equilibrando pacotes de 5kg de arroz na cabeça e só poderíamos sair do castigo após as pedrinhas de chapiscos terem se desmanchado. Quando era questionada sobre a dureza dos métodos, costumava responder que a galinha não matava os pintinhos com os pés, fazendo alusão ao fato de a galinha pisotear os pintos involuntariamente com os pés.

Foi nesse ambiente que crescemos, sendo cuidado por todos. Meu irmão e eu, tendo que dividir o tempo todo, mesmo sem entender o significado de palavras que hoje usamos bastante, como: empatia ou alteridade, mas entendendo, na prática, desde bem cedo, o que elas representam, agregando e sendo agregado por pessoas, sem as atuais redes sociais, com relações sólidas.

O final de semana era sempre um evento, sempre tinha mais pessoas, sejam amigos dos canteiros de obras ou parentes que visitavam a família. Nesses momentos, principalmente nesses, falava-se muito do “Norte”. Em um período em que a comunicação era feita

geralmente por cartas, o telefone era uma realidade cara, pois o custo de uma ligação interurbana não estava no orçamento das famílias e ter telefone fixo em casa era sinal de status. Então, esses encontros de final de semana serviam para trocar informações e saber notícias lá do “norte”, termo muito comum para se referirem ao que hoje conhecemos por nordeste. A criação do termo nordeste foi para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), que sequer abrangia o estado de Bahia antes de 1970, segundo Durval Muniz (1999), em sua obra *A Invenção do Nordeste e outras artes*.

O nordeste era conhecido como “norte”, algo que permanece na fala dos mais velhos, assim como o termo sul, para se referir ao sudeste. Em geral, falava-se das maravilhas do norte, assim como lamentavam a pobreza, quase franciscana, a seca, a fome, nos períodos de estiagem, mas sempre se deixava clara a intenção de retornar para seu pedaço de chão seco, visto que a maioria era oriunda da região do cariri e do sertão paraibano, inclusive, nossos vizinhos. Recordo-me de como eu gostava de ouvir aquilo, tudo me era muito familiar, apesar de ter como naturalidade a cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, me sentia parte integrante do nordeste, minha ancestralidade falava mais forte, sempre falavam de como as coisas do “norte” eram boas, principalmente, em época de chuva, pois, se o inverno fosse bom, em geral, o desejo era de juntar algum dinheiro e regressar para plantar.

Olhando pra trás, acredito que a xenofobia, com relação aos “nortistas”, hoje nordestinos, também alimentava esse desejo de retornar, pois presenciei, várias vezes, minha mãe sofrendo preconceito, a exemplo do meu parto, pelo fato de eu ter nascido com quase 5 kg e mais de meio metro, de modo que todo o sofrimento, no dia em que nasci, se justificava pelo fato de ela ser nordestina, habituada a sofrer no país, por ela ser “paraíba”, termo muitas vezes usado, pejorativamente, para se referir aos paraibanos e paraibanas, inclusive, aplicado a qualquer pessoa vinda da região nordeste.

Sendo assim, o sofrimento seria um traço constante na trajetória de vida da nordestina. Recordo-me de uma vez estávamos em um supermercado e o recepcionista atente ao telefone, invertendo a posição dos fones, um colega olha e diz: tá feito “paraíba”? Zé mané!. Pronto, minha mãe começa uma discussão, questionando qual a diferença entre o carioca e o paraibano. E, em seguida, ela diz: deve ser porque lá na Paraíba a gente come para depois cagar; aqui, você deve cagar para, em seguida, comer o que cagou!!! Ela sempre dizia que um dia voltaria a morar na Paraíba, especificamente, em Campina Grande, onde já tinha uma casa própria. Já, na minha infância, se falava que o Rio de Janeiro não seria um bom lugar para criar filhos, pela violência, e que, na Rainha da Borborema, a vida seria menos tensa com

relação à qualidade de vida e à violência, mas que as condições financeiras nunca permitiam se fixar novamente em tal lugar, por mais de um ano, durante as tentativas feitas.

Ela despertou em mim a mesma vontade de morar nesse lugar de maravilhas, de modo que, quando estava de férias, na Paraíba, desejava, de fato, ficar, pois tudo aqui era maravilhoso, as pessoas, os locais, as comidas, as praias sem ondas e de águas mornas. As férias eram entre o cariri e o litoral, sempre na companhia dos meus primos e primas, sendo atendido em tudo pelas tias e pelos tios. Aqui, era tudo aquilo que ouvia e um pouco mais. Acredito que todo esse contato me influenciou positivamente no convívio com outras pessoas, pois não tenho a menor dificuldade em me relacionar com outras pessoas.

1.3 Primeiros anos na escola: a pedagogia da Assembleia de Deus e a tentativa de doutrinação

Iniciei meu processo de escolarização aos seis anos de idade. Não passei pela fase de jardim da infância, pois fui alfabetizado em uma escolinha, nos fundos de uma igreja evangélica, da denominação Assembleia de Deus, no município de Rio do Ouro; a professora era a filha do pastor Jeremias e de Dona Esperança, e se chamava Izabel. Pastor Jeremias, muito conhecido, era um homem bem alto e preto, era muito querido por nós crianças, pois praticamente todas as tardes, ele, quando vinha de algum compromisso, comprava um pacote de biscoitinhos de queijo, da marca piraquê, e nós fazíamos uma roda ao redor dele, para ganhar um pouco dos biscoitos e, em seguida, o pastor passava óleo ungido, na verdade, azeite, nas nossas testas, era sempre muito gentil e nos convidava para a escola dominical, talvez, no propósito de uma futura conversão; hoje, sempre que abro uma embalagem de azeite, o cheiro me faz retornar a essa lembrança. A igreja ficava em frente a nossa casa, era só atravessar a rua; de lá, também vinha a água do poço da comunidade (Figura 9).

Estou falando de uma época em que havia uma dificuldade tremenda em conseguir vagas em creches e em escolas públicas. Lembro-me de minha mãe passando noites em filas para conseguir uma vaga. Como disse antes, fui alfabetizado em uma escola privada, que funcionava nos fundos de uma igreja evangélica Assembleia de Deus. Tudo era de forma muito precária: as carteiras e mesa eram improvisadas com tábuas de madeira, inclusive, meu diploma de alfabetizado foi todo feito de lápis grafite, sem reconhecimento formal do estado. Daí por diante, toda minha educação formal foi em escola pública.

Figura 9 - Escola da Igreja Assembleia de Deus



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Passei um curto período no grupo escolar municipal Lions Prata, no bairro do Catolé. Além disso, frequentei uma escolinha, onde hoje é um ponto de apoio da polícia militar, que também funciona a SAB do bairro. Período que coincide com a primeira tentativa de os meus pais novamente morarem na Rainha da Borborema. Na segunda tentativa, eu já tinha sete anos e não conseguiram vaga em escola pública; foi um ano sem oportunidade de estudo para mim, situação essa que mexeu bastante com minha mãe, porque, para ela, a prioridade era que os filhos estudassem. Como não tinha condições financeiras de pagar uma escola, arrumou as malas e retornou ao Rio de Janeiro, na tentativa de encontrar vaga para os filhos e, para isso, era necessário dormir na porta das escolas, em busca de matrícula.

Tive uma base educacional precária, já que aprendi a ler em uma escola de fundo de quintal, sem reconhecimento legal pelo estado, com já afirmei, e passei um ano sem estudar. Mesmo assim, conseguiram me matricular na segunda série do antigo primário, na Escola Estadual Durval Ferreira da Cunha, onde estudei por três anos. Concluí a segunda e a terceira série; lá também fui reprovado pela primeira vez na vida, na terceira série, como mostra a Figura 10 a seguir:

Figura 10 - Boletim escolar

ESCOLA ESTADUAL DÓRVAL FERREIRA DA CUNHA
Serviço de Orientação Educacional e Pedagógica - 1977

Aluno (a): Jacísio Barreto Leite Data de Nascimento: 1 / 1 / 77
Série 3ª Turma 303 N.º 30 Turno 1º

BOLETIM ESCOLAR

Componentes de Área	1.º Bimestre		2.º Bimestre		3.º Bimestre		4.º Bimestre		Recuperação		Média Final	
	Conceito	Faltas	Conceito	Faltas	Conceito	Faltas	Conceito	Faltas	Conceito	Faltas	Conceito	Faltas
Comunicação e Expressão	D		C		C		C				C	
Ciências	B		C		C		C				C	
Integração Social	C		C		C		C				C	
Matemática	D		D		C		D				D	

Data 1 / 1 / 77 Ass. do Resp.º Jacísio Barreto Leite
 Data 1 / 1 / 77 Ass. do Resp.º Jacísio Barreto Leite
 Data 6 / 11 / 87 Ass. do Resp.º Jacísio Barreto Leite

Resultado Final
 Aprovado 99%
 Reprovado

Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Antes de terminar o ano letivo, após a repetência, nossa família se mudou, mais uma vez, para outro município. No ano de 1996, continuo na escola e passo de ano, para a quarta série. Essa mudança foi, para mim, uma virada de chave: consigo ser matriculado na única escola estadual de Inoã, Escola Estadual Dr. João Gomes de Mattos Sobrinho. A seguir, na figura 11, há um registro dessa escola.

Figura 11 – Escola Estadual Dr. Gomes de Mattos Sobrinho



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Nessa nova escola, tive os primeiros contatos com as aulas de história da professora Iara, que me fez entender quem eu era e onde estava. Até essa altura da minha vida, eu vivia uma utopia de que ser rico e bem sucedido era apenas uma questão de vontade, foi exatamente ela quem despertou em mim o desejo de ser professor. Nas aulas, ela levava canções de Chico Buarque, para análises, embora fossem incipientes, mas era a semente que eu precisava para

me entender como cidadão, saber que existiam diversos desafios a serem vencidos. Despertou em mim o cidadão crítico; foi o gatilho da consciência de si. Lá, estudei até a sexta série. E, mais uma vez, meus pais tentam morar na Paraíba, em dezembro de 1995.

CAPÍTULO 2 – LEMBRANÇAS JUVENIS DA PARAÍBA, DO CARIRI AO LITORAL: DAS FÉRIAS AO RETORNO DEFINITIVO À RAINHA DA BORBOREMA

2.1 Experiências de novas identidades sociais, profissionais e formativas no ensino noturno: o PREMEM e as andanças pedagógicas

Esse nosso retorno à Campina Grande, em meados dos anos noventa, foi muito marcante para mim, pois eu já era um adolescente, cheio de sonhos, de dúvidas, de conflitos, com muitas curiosidades e intensidade de vida. Logo me matriculo no turno noturno no PREMEM, Escola Estadual Hortêncio de Sousa Ribeiro e, pela primeira vez, estudo à noite e sinto o choque da baixa qualidade da educação do turno noturno. As aulas de história eram frustrantes, basicamente para cumprir o calendário, isso quando tinha aula, com perguntas banais, greves que duravam meses.

Após a aprovação na oitava série, no PREMEM, fui em busca de uma melhor educação, pois, se continuasse lá, as chances de não ser aprovado no vestibular eram bem reais. Assim, me submeti a um teste de seleção para cursar o antigo científico no Estadual da Prata, mesmo sendo bem longe de casa e tendo despesas com transporte coletivo. Na Escola Estadual Elpídio de Almeida, conclui o antigo científico. Nesse período, fui bolsista do estado, em um curso de inglês no Yázigi e fazia parte de uma ONG, o GAV – Grupo de Apoio à Vida. Além disso, fazia um curso de informática, na News Informática.

Nessa época, entro em um programa do governo estadual para adolescentes, no qual tive o primeiro contato com o mundo do trabalho. No SEBRAE (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), inicialmente, fui ascensorista do elevador do Palácio do Comércio de Campina Grande – localizado no cruzamento da Avenida Floriano Peixoto com a Rua Maciel Pinheiro, onde funcionava, no terceiro andar alugado, a sede do SEBRAE/CG. Algum tempo depois, com a mudança da sede para o bairro do Catolé, fui para o balcão SEBRAE, no mesmo prédio, situado à Rua Maciel Pinheiro, no Centro da cidade. Nesse mesmo ano, ingressei no SENAI da Prata, centro de formação profissional Stenio Lopes, para o curso de Torneiro mecânico.

Tudo parecia precoce para mim, pois ainda aos 17 anos me inscrevo para disputar uma vaga de eletricista na CELB, Companhia Energética da Borborema. Isso com a ajuda de uma colega do curso de informática, que trabalhava no atendimento ao público da concessionária. Consigo fazer minha inscrição, mesmo sendo menor de idade e não tendo todos os

documentos, no dia 22 de setembro de 1995. O valor era de R\$ 30 reais, que seriam inicialmente para a compra de uma calça jeans, pois a única que eu tinha estava rasgada. O concurso tinha algumas etapas e venci todas, fui aprovado em décimo terceiro lugar (Figura 12) e convocado dois anos depois. Para minha alegria e de minha mãe, começo a trabalhar na concessionária municipal de distribuição de energia elétrica, em novembro de 1997. Uma experiência bem diferente do SEBRAE/CG. O trabalho era mais braçal, outra dinâmica, sair do ar condicionado e encarar às ruas e o risco elétrico. O salário e os benefícios sociais, oferecidos por uma empresa pública, eram, para mim, uma experiência jamais vivida, agora tinha, pela primeira vez na vida, um plano de saúde. Era como se eu tivesse me movimentado socialmente pelo trabalho.

Figura 12 - Recorte do Jornal da Paraíba - divulgação de aprovados no concurso da CELB



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Também, no ano de 1997, fui aprovado no vestibular para o curso de Bacharelado/Licenciatura em História, no campus II da UFPB, ano em que é inaugurado o curso noturno na instituição. Já tinha um emprego público e agora ingressava em uma universidade federal, o ápice, em uma época ainda de oportunidades limitadas. Apesar de os cursos de licenciaturas não serem os mais concorridos, era o curso que eu, de fato, tinha colocado como primeira opção. Uma lembrança me vem à mente nesse momento, do professor de artes, no primeiro ano do científico, perguntar na sala de aula quem desejava ser professor: fui o único a levantar o braço.

Antes do ENEM e de políticas afirmativas, como as cotas, os cursos de licenciaturas eram o que sobravam para os mais pobres, filho de pobre fazendo medicina era notícia de jornal. Minha mãe, que acreditava demais na educação, sempre me lembrava de que nós, como sujeitos pobres, tínhamos três oportunidades de mudar de vida; não necessariamente

nessa ordem, ela dizia: ganhar na loteria, roubar ou estudar. Ganhar na loteria, para a maioria das pessoas, jamais irá acontecer; se roubasse, iria para cadeia ou para o cemitério. Minha mãe, assim, completando seu raciocínio, deixava bem claro: *não pari filho para ser ladrão*, porque, se você virar bandido, eu mesma mato você. Assim, a escolha mais certa, como o caminho mais árduo, porém, consistente, seria o de estudar.

2.2 No ardor da juventude, descobertas e construção de saberes do cariri ao sertão

Vir para a Paraíba era como uma espécie de viagem a Shangrilá, cabelo cortado, roupas novas, a intenção era de causar boa impressão e muitas novidades do sudeste. Após ouvir todas as maravilhas, tantas vezes repetidas em nossa casa, qualquer odisséia, como uma viagem de praticamente três dias dentro de um ônibus seria encarada com um pouco de naturalidade, adorava ficar aos cuidados dos meus tios e tias, bem como dos meus avós.

Consigo recordar ainda das chegadas e partidas da rodoviária velha de Campina Grande, com caixas na bagagem, trazendo tudo o que era possível, de televisor a fogão, móveis desmontados, além de roupas novas e usadas para toda a família. A ansiedade tomava conta de mim. Quando eu percebia que se aproximava de Campina Grande, tudo era superado, a distância, as crianças chorando na viagem, os vômitos dentro do ônibus, pelas subidas e descidas; o calor, pela falta de climatização dos ônibus rodoviários, tudo isso desaparecia com a chegada, que não era bem a chegada, pois ainda não era exatamente o destino inicial das férias, é que de Campina Grande geralmente tínhamos que seguir ainda para a cidade de Junco do Seridó, lá onde moravam os familiares de minha mãe, uma cidade inteira inundada de ancestralidade.

Do ponto que busco na memória, meu avô, Severino Barreto, já havia falecido, mas todo o restante da família estava ali, exatamente ali, onde eu me sentia em casa. Tia Lúcia sempre atenta a tudo; muito devotada e pronta para me proteger das broncas de minha mãe. Lá, eu tinha a certeza de que não seria castigado: minha tia se encarregava de não permitir. O cheiro dos grãos de café, torrados por tia, era magia pura, adorava vê-la torrando o grão no fogão de lenha na panela de barro e pisando o café no pilão de madeira, assim como a fuba de milho, sem falar nas buchadas de bode, comidas de milho, feijão macassar, pinha, umbu, arroz de leite, carne de charque, doces de leite, umbuzada, eram muitos cheiros e sabores, das comidas feitas em panelas de barro ou de ágata. Era uma casa simples, telhado baixo, sem banheiro, dormia de rede na sala com minhas primas. As janelas e portas eram fechadas com tramelas e fechaduras simples. Ficava ao lado da casa de minha avó, Ana Tavares, onde

moravam também tia Maria, tia Inês, tio Edmilson ou tio Catié, o qual tinha deficiência locomotora, como sequela da paralisia infantil.

Foram inúmeras histórias contadas sobre nossos antepassados e dos martírios por eles vividos, de nossa ancestralidade indígena. Porém, de todas que ouvia, a que mais mexia comigo era sobre a história dos meus dois tios, que, ainda crianças, morreram no mesmo dia, num curto espaço de tempo entre eles. Eu imaginava a dor e o desespero de minha avó. Apesar de lembrar que a mortalidade infantil era uma realidade dura nesse contexto, com certeza, ninguém está de fato preparado para um evento tão trágico como esse.

Importante lembrar que, no Brasil, na década de 1940, o índice de mortalidade infantil era alto, com cerca de 146,6 óbitos para cada mil nascidos vivos, segundo o IBGE. Na família de minha mãe, de 14 irmãos, seis morreram ainda crianças, das mais variadas causas, somado ao fato de meus avós serem primos, existindo a possibilidade de terem contraído algumas doenças de herança genética, por possuírem antepassados em comum. Essa mortalidade, de quase 50% dos filhos, ainda crianças, pode ser justificada pela falta de vacinas, pelas carências nutricionais e outros cuidados que permitissem superar essa triste realidade.

Lembro-me de que, na casa de Tio Manoel, mesmo sem energia elétrica, também havia muitos encantos. Adorava ir à feira de Taperoá comer bolinho de goma, conhecido por “raiva”, passear de cavalo, dormir de rede, tirar mel de abelha, ir ao barreiro buscar água nas ancoretas, colocar comida para os animais, ver meu primo Raimundo ordenhando as vacas; minhas primas, fazendo a pipoca, todas as tardes, com milho alho, colhido no próprio roçado.

Achava incrível o televisor funcionar com bateria de carro, que meu tio levava para recarregar na “rua”, nos dias da feira, e os jumentos, que vinham direto para casa, “sem ninguém para tangê-los”, pois eram treinados, com os caçuás em cima das cangalhas, cheios dos produtos comprados na feira. Recordo-me de Tia Cosma, a esposa de meu tio, fazendo bolo nas brasas do fogão de lenha; tudo era novidade, só saía de lá aos prantos e sob a jura de uma surra de minha mãe.

O sítio Convento, do meu avô, Cícero Agra da Cunha, e da minha avó, a professora Maria Veríssimo da Cunha, no município de Riachão do Bacamarte, era ponto de chegada também. O local de trabalho de vó Maria era a sala da casa dela; lembro-me do quadro, na sala da casa, no mesmo local em que eram armadas as redes para dormirmos, mas que, durante o dia, era a sala de aula e sala de visitas. Ela, com uma caligrafia que mais parecia uma pintura, com traços simétricos e bem contornados, geralmente muito sisuda com os alunos e as alunas, sempre tinha um caderninho para anotar coisas importantes, para não

correr o risco de esquecer nada, mas, hoje, minha avó vive com as lembranças desbotadas do passado, causadas pela demência, que veio com a senilidade.

Os dias e as noites também eram incríveis, principalmente, às noites, com as histórias de botijas, reinos encantados, deixando-me sempre curioso e estático. O medo de “comadre fulozinha” era grande, pois essa era uma dessas histórias que me paralisavam, até mesmo pela materialidade representada pelas tranças nas caudas dos cavalos ao amanhecer, que eram atribuídas a tal entidade do folclore brasileiro. Tinha medo também das almas penadas, presentes ao entardecer, mas ninguém superava meu avô, nas narrativas, com as provas materiais, como as duas moedas, que datavam do império brasileiro, oriundas de uma botija encontrada na fundação da construção de um prédio no Rio de Janeiro e que o restante das moedas havia virado carvão, pois quem deveria ter cavado o buraco para encontrá-las deveria ter sido ele e, na ocasião, outra pessoa, desavisadamente, cavou o buraco, restando apenas duas moedas de um grande tesouro enterrado. Sabe-se que era uma prática, de tempos remotos, enterrar moedas e metais de valor, na tentativa de proteger de roubos. Então, quando se morria, com essa fortuna enterrada, para se conseguir morrer em paz, alguém sem ambições deveria desenterrar a chamada botija, para que a alma da pessoa descansasse em paz. Essa cultura me fascinava.

Cabelo também era outro ponto de chegada das férias na Paraíba, com suas águas mornas, que muito se diferenciava das águas geladas e do mar revolto, com ondas enormes da praia de Itaipuaçu, em Maricá/RJ. Diferentemente das águas geladas, das praias fluminenses, as da Paraíba tinham a temperatura perfeita, para passar o dia dentro do mar, sem falar que meu tio era funcionário da empresa/fábrica São Brás e sempre trazia Pupos, coisa que não tinha no estado Fluminense. Lá, foi onde eu tomei suco de mangaba pela primeira vez. Foram muitas experiências geográficas e sentimentais entre mim e o lugar. Um universo de narrativas sobre as influências socioculturais na minha formação.

2.3 O retorno definitivo à Paraíba: os anos noventa e minhas histórias de ganhos e de perdas

O ano era 1995, precisamente, 23 de dezembro. Movidos pelo sonho de uma vida mais tranquila, desembarcamos minha mãe e eu no novo terminal de passageiros de Campina Grande. Na bagagem, além de alguns poucos móveis, o sonho que nos moveu até à Rainha da Borborema, era o de uma vida melhor! Meu pai e meu irmão não vieram nesse momento, chegariam juntos, em seguida, mas o que de fato ocorreu foi que apenas meu irmão chegou.

Uma criança, com doze anos de idade, em uma viagem de três dias, sem a companhia de um adulto, já era um sinal de que algo não estava bem, mas como os primeiros meses foram de reformas, na nova velha morada, a vida seguia com pressa, o tempo passou e meu pai não veio como o combinado. Foi, assim, pela ausência, pelo abandono, que, meses depois, minha mãe descobre que ele já convivia com outra mulher e já tinha um filho. Foi uma hecatombe na alma de minha mãe. As pessoas de nossa família já sabiam e, mesmo com a desaprovação geral, aparentemente, ele não fez questão de guardar segredo.

Em Campina Grande, a vida era realmente diferente do Rio de Janeiro, não éramos bem de vida lá, mas aqui a situação, em momentos, permeou a fome, após essa decisão de meu pai em não retornar, apesar dos apelos desesperados de minha mãe, que, inclusive, volta ao Rio, na tentativa de fazê-lo retornar com ela. Daí por diante, contamos com a solidariedade de pessoas próximas e de familiares.

Com dois filhos pré-adolescentes para criar e praticamente sem aporte financeiro, a vida estava sendo, mais uma vez, muito dura com minha mãe: na infância, a fome; na adolescência, ficou tão esgotada de trabalhar, que, por três vezes, foi internada nos dois manicômios de Campina Grande, o Hospital psiquiátrico Dr. João Ribeiro, no bairro da Liberdade, e no Hospital Psiquiátrico Dr. Maia, no Centro da cidade, pois tudo antes era considerado loucura, mas, na verdade, o que tinha era um estafa de tanto trabalhar. Ela saía às quatro da madrugada, para a feira da liberdade, ajudar uma tia, a dona da casa onde ela morava de favor. Além disso, durante o dia, trabalhava na indústria e, à noite, tinha novamente que ajudar na casa da tia, pois esta vendia banhos.

Minha mãe tentou, mais uma vez – talvez, não por ela, mas, pelos filhos – fazer com que meu pai repensasse, mas ele estava decidido a ficar de vez com a outra família.

O episódio culminou com o regresso: primeiro de meu irmão e, em seguida, com o dela para o Rio. Lá, teve o apoio da família, para recomeçar, mas, nem por isso a vida deles foi fácil. Tanto ela lá, com meu irmão, quanto eu aqui, sozinho, tínhamos a certeza de que a vida seria dura, e foi. Porém, mesmo com todas as dificuldades, a vida tinha que seguir, o mundo não pararia, para compartilhar nossa dor. A essa altura, eu já estudava no SENAI e tinha conseguido uma vaga de menor aprendiz, por intermédio da FUNDAC, no SEBRAE/PB. Com a remuneração de meio salário mínimo, conseguia custear passagens e algumas coisas que todo adolescente precisava na época. Foram inúmeras noites vindas do Estadual da Prata, a pé, por não ter o dinheiro da passagem, mas carregando comigo a máxima de minha mãe, de não abandonar os estudos.

Nesse momento, fiquei dividido entre ficar em Campina Grande e retornar ao Rio de Janeiro, para junto de minha mãe. Decidimos, minha mãe e eu, que o melhor, para mim, era ficar por mais alguns meses, antes de retornar ao Rio. Essa decisão conjunta se deu pelo fato de eu estar estudando, pelo trauma de não conseguir me matricular em uma escola. Fiquei morando só, na casa de nossa família, inicialmente, tinha poucos recursos financeiros, que, quando acabaram, fiquei vivendo com a ajuda de familiares. Os laços entre mãe e filhos foram ainda mais fortalecidos pela dor do abandono.

Além do fato de estar estudando, vários outros fatores me declinaram na decisão de ficar, dentre eles, o desejo, criado em mim, desde a infância, a partir de tantas histórias ouvidas, da possibilidade de viver minha sexualidade longe do controle dos meus pais, pois esta, de certa maneira, seria mais tranquila. O fato de ter passado em um concurso público, apesar de ainda não ter sido convocado, a aprovação no vestibular da UFPB, campus II, para o curso de história, sob a matrícula 9823280-X (Figura 13), período 98.2, turma noturna, ingresso na faculdade, e ser professor de história era um sonho bem vivo na adolescência; tudo parecia se orientar e contribuiu, de forma decisiva, para a minha permanência em Campina Grande.

Figura 13 - Comprovante de Matrícula - UFPB - Campus II

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR
DIVISÃO SETORIAL DE CONTROLE ACADÊMICO

COMPROVANTE DE MATRÍCULA PRÉVIA

O(a) aluno(a) Jorge Luiz Carneiro Leite cadastrou-se nesta Divisão Setorial de Controle Acadêmico da Pró-Reitoria para Assuntos do Interior da Universidade Federal da Paraíba, no Curso de História com matrícula nº 9823280-X, estando dessa forma habilitado a matricular-se em disciplinas no período 98.2 mediante a apresentação deste comprovante.

Campina Grande, 02 de 02 de 1998

[Assinatura]
Responsável

Obs: A matrícula em disciplinas será realizada na Coordenação do Curso no dia 16 de fevereiro de 1998.

Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Em 1995, Fernando Henrique Cardoso é eleito presidente da República, dando seguimento à onda de privatizações, implantando, com ainda mais força, a política neoliberal. Nesse contexto e seguindo essa onda, o então prefeito Cassio Cunha Lima privatiza a CELB, na bolsa de valores do Rio de Janeiro. Junto com a privatização, minha vida vira de ponta-cabeça. Aliás, não só a minha, mas a de muitos colegas de trabalho e, como se fosse coincidência, até a mascote da empresa, a gatinha Mima, morre justamente no dia da privatização, episódio que, em algumas civilizações, seria vista como um mau presságio.

Há, de fato, um desespero, que se justifica pouco tempo depois, com pressões psicológicas, para que funcionários aderissem ao PDV, com extinção de setores inteiros; era um salve-se quem puder. No ano seguinte, o mesmo grupo compra a SAELPA e, em virtude dessa compra, sou obrigado a viajar para outros municípios, culminando com a minha perda do curso de História, visto que passava muitos dias fora da cidade. Afirmo, sem dúvida, que a privatização foi o inferno na terra. As pessoas desoladas, com medo da demissão, pois os salários eram, de fato, ótimos. Juntamente com os benefícios sociais, que foram retirados aos poucos, passamos a não ter mais ganho real de salário, logo no primeiro momento pós-privatização. Mas, mesmo assim, eram bons salários os dos funcionários que conseguiram ficar na empresa, visto que muitos já tinham idade avançada, pouca escolaridade, já que a maioria dessas pessoas havia sido contratada por indicação política e não por concurso, questões que pretendo me aprofundar em outro momento.

2.4 O adeus e o renascimento

Em janeiro de 2009, tive uma triste surpresa, ano em que minha mãe descobre um câncer de útero, já bem avançado com metástase. Mesmo fazendo anualmente os exames preventivos, como o Papanicolau, não foi suficiente para prevenir a neoplasia maligna, que já havia se espalhado pelo corpo dela. Tivemos, mais uma vez, o apoio irrestrito de toda nossa família e amigos, uma rede de solidariedade nos abraçou. Foram gestos generosos e de gratidão por tudo o que ela havia feito por todas as pessoas que cruzaram o seu caminho no passado, pois minha mãe sempre foi atenciosa e prestativa, principalmente quando o assunto era a fome do próximo. Nada nos faltou. Todos, muito especiais, mas minha prima Meyrelene Barreto dos Reis foi nossa anja protetora, que tornou os últimos dias de vida de minha mãe mais suportáveis. Ela me provou que fazer o bem valeu e vale a pena.

Apesar de eu não acreditar em seres celestiais, Meyre foi esse ser de luz no nosso momento de trevas. Mesmo com todos os esforços, assistência e a fé inabalável de minha mãe,

no dia 01 de outubro, de 2009, um dia antes de eu completar 32 anos, minha mãe encerra o ciclo de vida em paz, segurando a mão dos dois filhos, na cidade onde ela tanto desejou como última morada e, de certo modo, foi, apesar de ter sido enterrada na cidade de Junco do Seridó.

Dali por diante, éramos meu irmão e eu, com a promessa que fizemos a ela de jamais “arengarmos”, pois este, assim como o de aqui morar, em Campina Grande, era mais um dos sonhos dela. Mas, antes de partir, teve a grandeza de perdoar todo o sofrimento causado a nós pela atitude impensada de meu pai, pelas traições, pelo abandono. O perdão é algo que não pode ser explicado, pois “o perdão é tão difícil de ser dado quanto compreendido” (RICOEUR, 2000); ali foi ela e a memória dela.

Nem só de perdas a vida é feita. Apesar de compreender que isso faz parte da brevidade da existência humana, a bruma leve de 2012 anuncia que chegaria alguém para brincar em nosso quintal e, em 22 de janeiro de 2013, já não éramos somente meu irmão e eu. Nasce minha sobrinha e afilhada, Maria Teresa de Oliveira Leite. Um pouquinho de nossa mãe renascia, uma alegria sem igual tomou conta de nós. Ganhamos novamente outro presente: foi o que revelou o resultado de um ultrassom. E, no dia 01 de junho de 2022, nascia meu sobrinho Ian Lucas de Oliveira Leite, ambos os filhos de meu irmão com Emanuelle de Oliveira Belmiro, ambos nasceram no estado do Rio de Janeiro. Dobramos de tamanho e o amor multiplicou junto.

2.5 O retorno do historiador/docente: outras práticas educativas e formativas na UFCG após duas décadas de afastamento

Como aluno graduado em licenciatura em História há mais de duas décadas (comecei o curso, abandonei e voltei durante esse tempo), voltei depois de muito tempo, para realizar meu sonho de ser professor e tocar na vida das pessoas, assim como a minha primeira professora de história fez comigo, pois, com suas aulas, me fez entender quem eu era, e onde eu estava.

Mais de 20 anos se passaram desde a primeira vez que sentei nos bancos da Universidade Federal da Paraíba, Campus II, atualmente, Universidade Federal de Campina Grande-PB (UFCG). Nessa volta, percebi que, de fato, houve uma mudança no perfil dos alunos e das alunas; não nego que me choquei ao ver alunos reacionários, fazendo saudações nazistas em sala de aula, dentro de um curso, como o de história. Aberrações que me deixaram perplexo, mas procurando entender essa mudança, pelo prisma de uma alavancada

ultraneoliberal no mundo, e tentando problematizar onde a educação falhou, onde eu falhei como cidadão.

Reingressei ao curso de história, não mais pelo vestibular, mas pelo processo que permite ao graduado tentar uma vaga; consegui apenas na segunda tentativa, pois perdia em carga horária para os que tentavam com diplomas de licenciado, visto que o curso tecnólogo em Gestão Comercial tem a carga horária reduzida pela metade.

Confesso que me magoei com pessoas da secretaria do curso de história, por não me orientarem corretamente, na possibilidade de trancamento do período ou na possibilidade de fazer a matrícula institucional ou, até mesmo, poderia ter feito a renovação da matrícula, no período subsequente, período que não a fiz, visto que eu perdi a matrícula de forma não intencional, mas porque não estava na cidade e não tinha a facilidade de fazer matrícula a distância.

Cheguei à UFPB dois dias após o encerramento da matrícula e, de pronto, fui informado que havia perdido o curso por abandono, mas que, na verdade, como já afirmei, poderia ter feito no período subsequente, e isso me magoou bastante. Somada a toda uma pressão na empresa recém-privatizada, resolvi jogar a situação para o universo e segui minha vida. Muito decepcionado e, em razão dessa mágoa, por falha de comunicação da instituição, resolvi fazer o curso de Letras/Português em uma universidade privada, em junho de 2005, a UVA (Universidade Vale do Acaraú), era um curso aos sábados, pois o sonho de ser professor nunca morreu em mim, mesmo sabendo de todas as dificuldades. O curso de letras não me empolgou, tranquei e fiz novo processo seletivo na UNESC, passei e me formei em Gestão Comercial, um curso superior tecnólogo, com diploma chancelado pela UFCG. Através desse diploma, ingresso novamente no curso de História como graduado.

Nunca sonhei com a academia, mas, sim, com a sala de aula, justamente ali onde eu fui tocado pela professora de história, ainda na adolescência. Quero lutar, para que cenas, por mim presenciadas, como a de um aluno, fazendo a saudação nazista, não ocorram, e que, esse tipo de comportamento seja combatido e considerado infértil, muito antes de os alunos e alunas chegarem às cadeiras da faculdade. Vale dizer que a maioria das pessoas, mesmo com o acesso ampliado às universidades, por políticas da esquerda, não chegam aos bancos universitários e, quando chegam, não são todos os cursos que oferecem a oportunidade de os estudantes serem instruídos com pensamento crítico.

Esse pensamento já deve ter suas bases muito antes do grau superior. Por isso, a educação libertadora é urgente. Acredito que o professor e a professora precisam ser

militantes, sim, principalmente, o das humanidades. Educar, pelo exemplo, sabendo que não é pelo salário e nem pelas condições de trabalho, os principais atrativos para a profissão.

Meus planos, de voltar à universidade, não eram exatamente ao curso de História, mas para algum curso na área de humanidades, a saber: geografia, filosofia, ciências sociais, serviço social ou, até mesmo, o curso de psicologia, queira trabalhar com pessoas, me embrenhar pelas vielas desgastantes das relações interpessoais; trabalhar por algo maior, tentar tirar a venda que cega as pessoas e as fazem prisioneiras. No entanto, o sonho de formar cidadãos e cidadãs pensantes me trouxe de volta para o curso de História. Mesmo antes de saber da quantidade de alunos reacionários, existentes no curso, optei por ser professor de História. Entretanto, que se faça saber, não são maioria esses alunos e alunas, mas, infelizmente, vão se formar ou já se formaram e irão sair por aí, replicando loucuras, gerando ovos de serpentes reacionárias. Os combates precisam ser literalmente pela História e pelo lugar de fala do historiador.

Há de se fazer distinção entre historiadores e pessoas com diplomas de história, que irão se beneficiar desse lugar de fala e dessa autoridade conferida a eles e a elas pelo diploma, legalmente entregue, para alimentar mentiras ou meias verdades. Temos que ocupar esses lugares de luta, antes que pessoas mal intencionadas ocupem, não é necessariamente reinventar a roda, absolutamente, mas fazer com que as aulas de história sejam mais envolventes, conectadas com as realidades, assim como afirmou Paulo Freire. É momento de educar e renovar o ofício de professor de história dentro desse mundo modificado.

De fato, planejei me aposentar precocemente, ao mesmo tempo em que concluísse o curso de história e poder, inicialmente, ministrar aulas sem a preocupação financeira, inclusive, podendo dar aulas de forma gratuita aos alunos que irão se submeter às provas no ENEM. A aposentadoria e a graduação estavam nos meus planos. Porém, com a posse de um governo com vieses autoritários, que em muito se aproximava do nazismo e da extrema direita ultraneoliberal, implementando uma reforma da previdência cruel aos trabalhadores e trabalhadoras, que me atinge em cheio, faltando apenas um ano e três meses para uma aposentadoria especial, transformando o sonho de ser professor voluntário em algo impraticável. Assim, precisei atualizar meus planos.

A minha volta ao curso de história presencia outra reforma, a do ensino médio, com a intenção de minar as humanidades e, de forma ainda mais dura, as aulas de História. Um governo democraticamente eleito, mas que flertava com o autoritarismo e que tentou desconstruir pautas humanitárias, tentando mudar a história com ideias negacionistas, afirmando, inclusive, que a terra seria plana ou que não houve golpe em 1964, ou seja,

defendia pautas antidemocráticas. Isso é terrível para os professores de História, que, agora, têm como formadores de opinião, com um alcance bem maior que uma sala de aula, os “youtubers”, com milhões de seguidores, que, em geral, dizem o que as pessoas querem ouvir.

Para a minha surpresa, nesse meu retorno, o currículo/ projeto pedagógico do curso ainda era o mesmo de quando eu entrei pela primeira vez, pelos portões da instituição, como aluno. E, inclusive, para minha agradável surpresa, alguns professores eram os mesmos.

2.6 Estéticas de minha sexualidade: da rejeição ao acolhimento de meu corpo e de meus desejos

Não há como falar de mim sem dialogar com minha homossexualidade, falar de todos os momentos difíceis que passei, na tentativa de camuflar o que foi de perversão à “doença”, durante o século XIX, pelo discurso médico (KRAFFT-EBING, 2001), e por quase todo século XX. Incorporei e senti na pele o medo da violência física ou de ir arder no fogo do inferno, em virtude do “pecado da pederastia”, como afirmavam os religiosos e, principalmente, os cristãos. Rotulados e estigmatizados por vários discursos, como os que nos classificava como invertidos, uranistas, desviados, pervertidos, sodomitas. Cansei de ouvir frases, como: “prefiro um filho bandido a um filho viado!” “Prefiro ver em um caixão!”

Vale destacar que não é minha intenção aqui falar da patologização da homossexualidade do século XIX, como aborda, especificamente, o artigo apresentado por Dametto e Schmidt (2015), com base no livro *Psychopathia Sexualis*, tampouco os fatores biológicos que fundamentavam esses preconceitos. Também, não vou discutir sobre a chamada “cura gay”. Porém, como curar o que não é doença?

Muito cedo já percebia que era, digamos, fora dos padrões ditados para os meninos. Se falar de sexo já era um tabu, imaginem falar de homossexualidade há quatro décadas. De onde consigo voltar mais, lembro-me de ter um compacto de Gretchen, com as músicas que garantiram a ela o título de “rainha do rebolado”, algo não muito dentro dos padrões normativos para o comportamento masculino; por isso, dançava escondido. Também adorava brincar de casinha, fazer comidinhas; na escola, “me escondia do futebol”, apesar de ter sido obrigado a ser goleiro no time de futsal, nas aulas de educação física. Sempre estava na companhia das meninas.

O horror da epidemia de um vírus, que parecia correr apenas nas veias dos homossexuais, o “câncer gay”, assim era chamado o vírus HIV, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; também aflora nas minhas lembranças. Assim, qualquer homem

que morresse em razão do vírus, certamente, havia transado com algum gay e, por isso, o castigo divino da contaminação. O HIV nos fazia de vitrine, como pessoas a serem evitadas, ou presas por questões sanitárias, eliminadas, até mesmo castradas, como o matemático *Allan Turing*, considerado o pai da computação, que quebrou o código da máquina nazista, sendo acusado pelo crime de práticas homossexuais, pelas autoridades britânicas e, para não se preso, se submeteu a uma castração química (FRAZÃO, 2022). A medicina higienista se colocava no terreno da ciência e gozava de autoridade absoluta no Estado. Com isso,

à medida que o Estado reforçava sua influência sobre o corpo social, as classes menos favorecidas iam sendo paulatinamente higienizadas [...] A partir daí os médicos da época passaram a condenar com insistências os libertinos, celibatários e homossexuais. (TREVISAN, 2018, p. 168-169)

Recordo-me de um trabalho que fiz na escola, no qual existiam os chamados grupos de risco, e o principal deles, eram os homossexuais; de ver no televisor o cantor Cazuza só pele e osso e de pessoas afirmando, categoricamente, que ele estava sendo castigado por “deus”, por se relacionar com outros homens. Eu estava com treze anos de idade e já tendo a consciência de minha condição sexual, e o medo de virar “aidético”. Também, lembro-me das manchetes de jornal, noticiando a doença e morte de Lauro Corona, galã de TV, que escondia a homossexualidade, também infectado pelo vírus, por se deitar com outros homens, segundo diziam à época, inclusive, por ter transado com o próprio Cazuza. Aliado a tudo isso, ainda tinha o fato de o Brasil ser um lugar hostil às diferenças de classe, de gênero, de raça e também de orientação sexual.

Comparando-se àquele momento, considero que houve avanços, mas o Brasil ainda tem muito preconceito com a denominada comunidade LGBTQI+, sendo, infelizmente, o país com mais mortes desse comunidade no mundo, de acordo com o último dossiê do Observatório Mortes e Violências contra LGBTI+.

A essa altura, minha família já percebia que eu era, digamos, diferente dos meus primos. Porém, vale aqui o registro, a não ser meus pais, por pura influência da religião e de uma sociedade, com bases machistas, nenhum parente me tratou com preconceito ou me excluiu em qualquer situação. Sempre fui amado e respeitado por todos, realidade bem diferente da maioria dos casos; nunca fui ameaçado com a expulsão de casa, apesar de ter optado em sair de casa, na primeira oportunidade, com o medo dessa realidade da maioria dos gays.

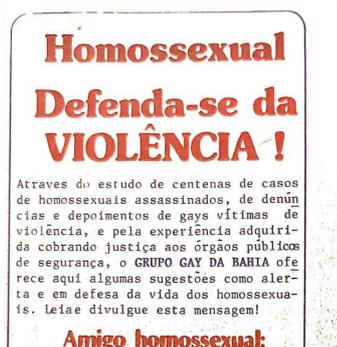
As ocasiões em que fui atacado ou ameaçado foram fora do ambiente familiar, a exemplo de certo dia uma professora primária, em um diálogo, ter apontado para mim,

dizendo que um aluno parava na porta da sala dela, para paquerar uma menina, e apontou para mim, e, imediatamente, sem refletir no impacto da resposta, na minha vida, a professora disse: “esse aí mesmo não, só se ele for paquerar algum menino”. Não falo isso em tom de denúncia ou de ressentimento; aprendi, com o tempo, que quem precisa de ajuda ou tratamento são os homofóbicos e não nós, não que eu seja passivo com a homofobia, absolutamente, e, como afirma, em palestras, o historiador Leandro Karnal (2018), todo homofóbico, em geral, é um gay que não consegue viver sua sexualidade e, por isso, ataca outro gay, que consegue, por puro ressentimento. Incertezas, medos, violência a que estávamos expostos, sempre procurei meios de me proteger sozinho.

No campo oposto agora, relato o comportamento de outra professora, a de ciências, que me disse que eu não lutasse contra minha natureza humana, que não se luta contra a própria natureza, que a gente se adapta e que eu encontrasse meios de me proteger, pois os seres vivos crescem de dentro para fora, diferentemente dos minerais, que crescem de fora para dentro. Confesso que, no momento em que ela falou, não refleti bem sobre o teor de sua fala e nem o porquê; talvez, minha sexualidade fosse assunto na sala dos professores, fato que muito provavelmente jamais terei certeza. Registro aqui minha gratidão pelo acolhimento e pelo conselho dela, levado para vida toda. O recado, hoje, faz todo sentido: proteja-se, não se culpe, não sofra.

Falar abertamente sobre a sexualidade era tabu na adolescência; amigos gays só na fase adulta, depois de contatos com leituras de ONGs, como as elaboradas pelo GGB – Grupo Gay da Bahia (Figura 14), voltadas para a defesa dos direitos dos homossexuais, pois, na adolescência, se percebesse que estava diante de outro gay, logo me esquivava. Apesar dessa tendência, vivi minha primeira experiência gay muito cedo. Por maior que fosse o medo, o impulso e o desejo eram mais fortes, apesar de que “a ficha” só veio cair mais na frente, quando as experiências já haviam sido vividas.

Figura 14 - Panfleto Grupo Gay da Bahia (recorte do autor)



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

Meu primeiro relacionamento homoerótico foi aos 12 anos de idade, na mesma época das aulas de catecismo (Figura 14), um conflito de sentimentos diários. Envolvi-me com alguém bem mais velho que eu, ficamos juntos, em segredo, por três anos, mesmo tendo a certeza da “danação da minha alma”, era como me sentia na época.

Aos 15 anos, quando me mudei para Campina Grande, cheguei disposto a mudar minha sexualidade, que a mudança seria uma segunda chance de salvação da alma e do caráter, mas, como se muda a essência?, a condição humana? Entrei para a renovação carismática católica, na vã ilusão, acreditando piamente que “deus” iria me curar, me fazer um “vaso novo”. Vivi um calvário por ser homossexual, me dilacerando por dentro, pelos mesmos motivos da maioria dos gays. Pressionado pela religião, pelos mesmos códigos morais, levaram meus pais a me cobrarem posturas em determinados momentos de nossa relação. Aceitar essa condição, sem lutar contra ela, seria uma desonra para a minha família.

Minha mãe, católica praticante, sempre me lembrado de que o inferno era o destino de todos os homossexuais E, meu pai, com ameaças de atirar em meus joelhos. Não retornar ao Rio de Janeiro foi uma das opções, por mim usadas, para evitar conflitos e viver minha sexualidade. Eu precisava vencer a mim mesmo, mesmo sem saber como, me libertar da culpa, cruelmente imposta a mim, a meus pais. Tentei entender como funcionava a dor e a delícia de ser você mesmo, como na canção.

Lanço-me em relacionamentos heteronormativos, mas quanto mais eu me evoluía, mais tinha a certeza de que estava me violentando, para satisfazer um desejo que nunca foi meu. As palavras da professora ainda ecoavam em minha mente: “não sofra” e sofrer era o que eu mais vivenciava, até o momento em que, já morando sozinho, resolvi pôr um fim a minha agonia e me permitir, ainda sob a égide da culpa, buscando me libertar da gaiola de ouro do disfarce, onde eu mesmo me aprisionei, e viver amores, que prefiro não dizer seu nome, “o que é o desconhecimento dos próprios desejos?” (FOUCAULT, 2007).

Primeiro passo foi abandonar e me afastar do local que mais me apontava o dedo e que a todo o momento me inquietava: a Igreja. Pouco a pouco fui me distanciando e me distanciando, inclusive, de uma ideia que construía da existência de um Deus de amor que não amava, mas castigava e oprimia. Verdades absolutas perderam totalmente o sentido, juntamente com o poder de me manipularem e me imporem o sentimento de culpa. Abominar a fé foi libertador. Antes a igreja, agora, os guetos como a Toca do Caranguejo, Boates como a Vogue, a Estação da luz, a Truk, a Scorpions, a Queen, saunas, e a minha religião agora era o toque, o calor e a pressão que se traduziam na plenitude sensorial, sem podas existenciais,

uma regeneração neural que me convidava a uma nova experiência como ser humano; o toque já era quase sem culpa. As palavras da professora de ciências foram tomando forma, fazendo ainda mais sentido.

As referências de minha infância eram de gays que serviam para divertir, como *Jorge Lafond*, ator e humorista; *Clóvis Bornay*, um carnavalesco do Rio de Janeiro, era como se todos os homossexuais, obrigatoriamente, tivessem traços que culturalmente são atribuídos às mulheres ou “desmunhecar” tinha que ser e parecer gay; não estou fazendo um julgamento de valor deles, absolutamente, repito mais uma vez, cada um sabe a dor e a delícia de ser quem se é. Comecei a entender que somos subjetivos, múltiplos e isso só consegui compreender pela busca do conhecimento, a questão da representatividade era muito importante, como a de se perceber em outras pessoas, em não estar só.

Eis a questão: Posso ser sem parecer? Assumir ou não assumir? Importante dizer que um gay electricista, pedreiro, vaqueiro, não são profissões pensadas social e culturalmente para gays, não que eu esteja aqui concordando, muito pelo contrário; só estou constatando algo que deve ser desconstruído. É como se fosse uma afronta ao masculino, ou à ideia de masculinidade que essas e outras profissões passaram culturalmente a pertencer a um gênero específico. Por experiência própria, com mais de 25 anos na profissão como electricista de distribuição em uma concessionária de energia elétrica, não conheci nenhum abertamente homossexual; se lá estão, não se assumem. Essa forma de pensar é resultado de estereótipos construídos por toda sociedade, reforçando ainda mais o preconceito.

Trabalho em um ambiente majoritariamente ocupado por homens, com um senso crítico mediano do que é ser homossexual, que se autodeclaram heterossexuais, assumir-se ou não, diante de tanta desinformação, deve ser uma decisão exaustivamente refletida, pois, além de ser um ato político, é um ato de resistência, já que poderia ser alvo de ataques homofóbicos. É se habilitar ao embate, pois se um gay é atacado, todo um grupo também o é.

Assumir, além de tudo, faz parte de um esforço coletivo de respeito às lutas dolorosamente travadas pelos que se propuseram a ser quem eram, sem máscaras sociais, abrindo trincheiras nessa vontade de liberdade.

Na esfera cotidiana, essas relações de trabalho refletem, no escopo social, apesar de todos os avanços, das últimas décadas e de se ter a consciência de que é um caminho sem volta, não há jogo ganho. Condição que ficou bem nítida com a ascensão da extrema direita no Brasil, em 2018, com pautas altamente conservadoras e ultrapassadas, em que a comunidade LGBTQIA+ sofreu ataques institucionalizados, de agentes governamentais do primeiro escalão, como os da ex-ministra Damares, afirmando que menino veste azul e

meninas ventem rosa, com acusações de sermos responsáveis por destruir o conceito, imposto por conservadores, de família, pois não geraríamos filhos; de sermos aberrações; atentarmos contra um “deus” cristão, sendo que o estado brasileiro é laico.

Hoje, vejo que assumir foi um ato de resistência. Não podemos permitir que sejamos empurrados novamente para os guetos, como acontecia antes do primeiro governo Lula, em 2002, pois apenas após a entrada do governo do PT, que tivemos voz e vez, que tive, de fato, a possibilidade e a coragem de falar, com mais firmeza, sobre minha sexualidade. Muito em virtude de pautas da esquerda, apontando que éramos e somos plurais, subjetivos, enfim, seres humanos de desejos, permitindo, assim, que nossas vozes fossem ecoadas pelo país, ainda que dentro de casa não tocássemos nesse assunto.

O governo do PT nos possibilitou visibilidade, permitindo passos mais firmes contra a opressão, a homofobia, na luta pelo respeito e dignidade. As questões, como direitos civis, ainda não eram realidade, nem mesmo com esse novo momento, proporcionado por um governo de esquerda. Porém, nesse instante, a sociedade se vê pressionada a pensar sobre temas, como: casamento, adoção, pensões por morte, herança dentre outros.

É preciso educar a sociedade, para que toda uma estrutura social se movimente, ainda que lentamente, mas hoje colhemos alguns frutos dessas lutas, como políticos, assumidamente gays, jogadores e, em outros ambientes, que há pouco tempo era impensável ser assumidamente gay. Inclusive, no alto escalão, como o do governo do estado, a exemplo do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite. Uma sociedade é feita de iguais, com suas diferenças, como afirma na constituição, pois todos são iguais perante a lei, ao menos, em tese. Democracia se faz na diferença, na diversidade, com o poder de todos, sem distinção, inclusive, de gênero. Assim, defender essa pluralidade é defender a democracia.

CAPÍTULO 3 – NARRANDO MINHAS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO NA ESCOLA ALCEU DO AMOROSO LIMA: OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR DE HISTÓRIA NA MODALIDADE EJA

3.1 “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”: enfim, minha experiência e estágio docência na EJA

A constituição de 1988, em seu artigo 205, prevê a todos e a todas o direito à educação, sendo, assim, um dever do Estado promover ações que garantam esse direito fundamental. A educação é um direito, não uma caridade!

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/1996, estabelece diretrizes e bases da educação e, nela, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) passa a ser considerada uma modalidade de ensino, da Educação Básica, nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, assinalada no capítulo II, seção V. Tal modalidade assegura uma educação pública, gratuita, aos jovens e aos adultos, que, por algum motivo, não estão na série equivalente à idade. Além disso, abarca outros marcos legais, conferências e resoluções, com uma proposta pedagógica, que coloca o aluno como protagonista, sendo votada para às necessidades de cada um.

A educação de jovens e adultos já existia desde muito antes, podendo remontar práticas jesuítas, mas não com esse direcionamento pedagógico, de quebra de *status quo*. Podemos também citar aqui o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), com propostas bem diferentes da EJA. O Mobral foi um dos maiores fracassos educacionais (PAIVA, 2003). Tal autora acredita, ainda, que esse programa não deu certo, pelo fato de ter sido imposto e de não ter sido pensado por educadores, sendo criado no governo militar, para substituir o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA), criado e pensado por Paulo Freire.

Os militares tinha a intenção de dismantelar qualquer proposta de quebra da ordem vigente. Desataco aqui, que, inclusive, minha mãe foi aluna no Mobral, por um curto período de meses. Diferentemente da EJA, que coloca os alunos como sujeitos históricos, com uma pedagogia libertadora, o MOBRAL aplicava uma educação bancária, sem entender as particularidades e subjetividades de cada um, apenas visando diminuir, de forma superficial, a mazela do analfabetismo no Brasil. Além disso, tal proposta não pretendia dar continuidade à experiência escolar, ultrapassando o ensino fundamental, para chegar ao ensino superior, na

perspectiva de celebrar acordos e atingir metas propostas por entidades internacionais, como o Banco Mundial.

Nesse sentido, não havia a preocupação em formar um sujeito capaz de compreender o que lia, mas que apenas reconhecesse letras e números. A EJA propõe a integração de indivíduos na sociedade:

desde logo afastamos qualquer hipótese de uma alfabetização puramente mecânica, desde logo pensávamos alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de uma consciência na imersão que fizeram no processo, de nossa realidade no trabalho como que tentássemos a promoção da ingenuidade, em criticidade ao mesmo tempo em que alfabetizarmos (FREIRE, 2007, p.112).

O método Paulo Freire é pensado de modo diferente: ele propõe diálogos e interdisciplinaridade, não apenas preparando o aluno e a aluna como mão de obra para o “mercado”, pois

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos da autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 2006, p 79).

Movimentos sociais, sindicatos e outras entidades civis foram os reais responsáveis pelo surgimento de uma educação voltada para a transformação. A EJA, apesar das propostas de integração de alunos e alunas, vai esbarar nas mesmas limitações do ensino regular, com falta de investimentos, de estrutura, com a baixa remuneração de professores, falta de incentivo à permanência dos alunos e das alunas em sala de aula.

3.2 A EJA como um direito e a EJA que queremos

De início, relato a dificuldade em conseguir o estágio nos moldes exigidos pela UFCG. Após vencer as exigências da instituição, com o abrandamento de alguns itens, principalmente de o estágio ser em uma turma do ensino básico, haja vista a dificuldade em se conseguir nas turmas de ensino médio, o próximo passo foi com a ajuda da professora Regina – titular da cadeira na UFCG – fazer o contato com o professor Valmir, que ministra aulas na Escola Estadual Alceu do Amoroso Lima, no bairro das Malvinas, localizada na Rua Conceição B. Santiago, S/N, com o ensino regular e EJA, nas etapas de Ensino Fundamental, Ensino Médio, Anos Iniciais, Anos Finais e, de acordo com o site Edu.com., são 219 matrículas e 53 professores, tendo como número INEP 25072340.

O estágio foi realizado no turno da noite, mas a instituição também funciona durante o dia, com turmas regulares. Primeiramente, houve a observação das aulas ministradas pelo professor titular, momento em que foram feitas anotações sobre o desenrolar da aula. Em um segundo momento, ainda durante as aulas de observação, fiz algumas participações com a autorização do professor e, no terceiro momento, mediante roteiro prévio, fiz a regência das aulas, com temas sugeridos pelo professor titular, como forma de completar as etapas exigidas pelo estágio.

A escola possui nove salas de aula, não tão grandes; um pequeno refeitório, que também serve como pátio para eventos, já que a cantata de natal foi neste local, apesar de ter uma ampla área externa; o estacionamento carece de iluminação, mas é eficiente e possui uma pavimentação. Existe um pátio interno, com muitas grades de proteção contra possíveis assaltos. Lá, também, há algumas plantas, dentre elas, duas palmeiras imperiais, que, pelo tamanho, já denunciam que a escola já deve contar bem mais de duas décadas a quem adentra ao local. O teto é de laje, possivelmente pré-moldada, coberta por telhas; as salas, por mim visitadas, não apresentavam mofo ou infiltração; as mesas e carteiras, relativamente novas e em bom estado de conservação, possuíam quadro branco, porém, é bom enfatizar que fica a cargo do professor ou da professora levar o marcador para o quadro branco.

O que seria a biblioteca mais parece uma pequena estante, com alguns poucos livros, que fica localizada numa passagem para a sala dos professores. Não há laboratório de informática, também não localizei mapas geográficos ou materiais de pesquisa histórica. Nas paredes do pátio interno, é possível ver placas de alunos concluintes, algumas mais antigas, sem fotos, e outras novas, com fotos, apesar de o material das mais antigas ser de melhor qualidade e assim resistir, positivamente, a passagem do tempo. No local, há também a placa da última reforma. Vale dizer que, no turno da noite, não há fardamento escolar.

O estágio foi realizado em uma turma da EJA, do terceiro ciclo, no turno da noite. Na turma, havia seis alunos matriculados, mas apenas dois frequentaram as aulas regularmente, durante o estágio, sendo uma mulher e um homem, ambos acima dos 35 anos de idade. Ela, dona de casa; ele, serralheiro. Ambos bem interessados e com atenção às aulas. Tanto os alunos quanto o professor foram bem receptivos.

Foram dez encontros, sendo que dois foram de observação, sete de regência, e o último foi uma cantata de natal, de um coral, de uma igreja evangélica. Assim, inicialmente, observei a forma como as aulas eram ministradas pelo professor e a resposta dos alunos, para poder fazer uma inserção parecida, já que a intenção não era a de “inovar” em sala de aula. E,

dessa forma, respeitei o espaço do professor supervisor, que, gentilmente, cedeu o espaço para a prática do estágio.

Foram elaborados roteiros para as aulas, com temas sugeridos pelo professor responsável pela turma. Tendo o cuidado de não cometermos anacronismos, termo tão temido por pensadores; porém, essas transversalidades são uma forma de representação do passado. Fazer com que o aluno perceba quão real e mutável é a história, que não se trata de apenas “decorar”, logicamente, sem fugir aos PCN’s, publicados pelo Ministério da Educação, ou seja, discutir questões presentes no cotidiano (FREIRE, ANO), como prática constante. Sabendo dessa complexidade, o estágio é esse lugar que, não só nós, futuros historiadores, temos para essa percepção, para esse choque entre o teórico e o prático, mas também para os alunos.

Uma aula pode ser extremamente enfadonha e conservadora. Mesmo utilizando o que há de mais moderno, em termos tecnológicos, se não houver didática e se o professor não tiver conteúdo, o aluno não aprenderá. Durante a graduação, não tive a oportunidade de participar de nenhuma atividade ligada à docência, e o estágio foi, de fato, meu primeiro contado com a sala de aula na prática. Manter essas pessoas em sala de aula, segundo me relatou o professor Valmir, foi um desafio, sabendo de todos os desafios que o ano de 2020 apresentou, como aqueles impostos pela pandemia, que potencializaram ainda mais essa evasão, o isolamento e o ensino remoto emergencial, pegando todos e todas de surpresa.

3.3 Os estágios na Escola Alceu do Amoroso Lima

No dia 7 de novembro de 2022, foi meu primeiro dia no estágio, sendo três noites na semana: nas segundas, terças e sextas-feiras. Na sala, havia dois alunos, porém seis estavam matriculados. A primeira aula do estágio foi sobre a peste negra; o professor fez uma aula expositiva do assunto e, como a duração das aulas possui um tempo menor, geralmente, a conclusão do assunto ficava para a próxima aula, no caso, para a terça-feira, já que o dia 07 de novembro foi em uma segunda.

Desse momento em diante, o estágio seguiu normalmente, a não ser pela copa, pois, quando havia jogo do Brasil, as aulas eram suspensas. Também não houve aula, em virtude de uma cantata de natal, e pelo feriado de 15 de novembro, Proclamação da República, mas que não chegaram a atrapalhar a conclusão da complementação.

Observei que os alunos, onde ministrei aulas, eram bem atentos às explicações e sempre interagem com o professor. Tentei observar uma estratégia usada pelo professor, nos

dias 07/11 e 08/11, para poder dar seguimento ao estágio. A primeira observação é que não houve chamada. O professor tem um bom domínio da classe, pois não observei a turma olhando o celular. A turma copiou trechos de textos do quadro branco, para uma posterior resposta ao exercício.

Figura 15 - Escola Estadual Escritor Alceu Amoroso Lima



Fonte: Acervo particular do autor, 2023.

No dia 11 de novembro de 2022, foi ministrada a primeira aula de regência, com o tema Grandes Navegações/Expansão Marítima Europeia, na tentativa de analisar o “pioneirismo” europeu, principalmente o português e o espanhol no século XV, no processo de expansão, que se lançaram sobre o atlântico até a chegada às Américas. Refletir sobre os motivos para tal empreitada. Perceber a importância em se entender os principais resultados dessa expansão, passados mais de 500 anos; a colonização, a escravidão, dentre outros aspectos. Foi uma aula expositivo-dialogada e de estudo de caso.

A aula foi iniciada com um debate a partir de uma leitura prévia do texto apresentando e de charges entregues na hora da aula. Em seguida, o aluno e a aluna dão suas impressões sobre o texto lido. Antes e durante a aula, tentar perceber se houve, para eles, alguma relevância as leituras executadas e as imagens expostas; não seria exatamente um fórum de debate, mas, sim, deixar que ele e ela problematizem o assunto e, por fim, tentar orientar no melhor entendimento do aluno e da aluna quanto aos aspectos das grandes navegações.

Foram necessários dois encontros, pois as aulas na EJA têm uma duração menor. Tentei a efetiva participação do aluno presente, infelizmente, a estrutura da escola não permite

que as aulas tenham outros formatos, por exemplo, o uso de Data-show, ou vídeos, o mesmo conteúdo foi abordado na aula seguinte, mas, na sequência, como outros tópicos dentro do mesmo tema abordado, no primeiro encontro e, então, começamos, falando sobre o “pioneirismo” português em buscar novas rotas pela costa do continente Africano. No segundo encontro, abordamos a chegada às Américas, procurando sempre trazer o aluno e a aluna que compareceram ao segundo encontro, as consequências dessas navegações e como elas se interligaram com nossas vidas. Não havia como criar grupos de estudos por conta do número reduzido de alunos.

No dia 18 de novembro de 2022, a regência foi sobre Povos da América, mais precisamente sobre os povos da América pré-colombianos, fazendo um elo com o assunto abordado nas aulas anteriores, nos mesmos moldes e com as mesmas limitações já expostas aqui. Nas aulas, tentei focar nas organizações sociais complexas já existentes, antes da chegada dos espanhóis. Foi entregue um pequeno texto, elaborado para uma leitura prévia, no qual se apresentavam os principais povos residentes que, nesse caso, eram os Maias, Astecas e Incas, mas enfatizando que não era um rol exaustivo, mas, sim, por se tratar de civilizações com aspectos melhor observáveis, fiz algumas anotações no quadro, como tentativa inicial de prender atenção e levar o debate prévio, levei imagens relacionadas aos povos andinos.

Surpreendeu-me o fato de eles não saberem essas nomenclaturas, sabiam da existência de Cristovam Colombo, mas desconheciam os povos pré-colombianos. Outro ponto que percebi, que ficou gravado na mente deles, se deu pelo fato de Colombo ter morrido, acreditando ter chegado à Índia e o fato de alguns historiadores afirmarem que, por volta do ano mil, os vikings já terem estado na América.

As imagens levadas foram fundamentais para a compreensão. Todo o material utilizado foi buscado na internet, em sites, como o Brasil escola, visto que não havia livro didático, mas, sim, temas a serem abordados em sala de aula. Na aula, apresentei semelhanças e diferenças entre os três povos, como: aspectos religiosos, sociais e políticos. Abordei o povo Maia, de forma mais especificada, e como a duração das aulas é menor, no encontro seguinte, abordei os Astecas e o Incas, porque este último merecia um pouco mais de destaque, por ser tratar da maior civilização de todas, era a população que existia na época da chegada dos espanhóis. A aula teve como lastro mostrar que, de fato, os espanhóis não descobriram nada e o que realmente houve foi uma invasão, seguida de uma chacina, em busca de metais preciosos e, conseqüentemente, uma tentativa de apagamento da cultura dos povos, lá residentes. Tentei, assim, tirar o foco dos grandes nomes, jogando um pouco de luz nos fatos cotidianos em si.

Na sala, com um número tão reduzido de pessoas, participando da aula, não há que se falar em indisciplina. A intenção era de provocá-los a questionar conceitos, como o de descobrimento, e perceber se entenderam, criticamente, o que leram, e deixando perceptível que não é a ausência do livro didático ou de outro material midiático que faz com que a aula seja de baixa qualidade, mas, sim, a metodologia, pois não adianta ter uma infinidade de recursos tecnológicos, se não houver didática, deixo evidenciado que não estou fazendo uma crítica ao livro didático, tampouco aos recursos tecnológicos, absolutamente, inclusive, acredito que são, sim, importantes, mas como apoio à prática de sala de aula.

No dia 22 de novembro de 2022, a regência foi sobre os povos indígenas/índios da América portuguesa ou da América Pré-cabralina. A turma demonstrou saber um pouco mais que na matéria anteriormente apresentada. Para a aula, elaborei, mais uma vez, um pequeno texto, sempre segundo as orientações do professor titular da turma. Levei, mais uma vez, imagens e, antes de começar a aula, provoquei um debate, na tentativa de perceber se ele e ela conseguiam fazer ligações com os temas debatidos anteriormente em sala de aula, já que havia uma sequência de acontecimentos. Foi feita a leitura do texto pelo aluno e, em seguida, foram apresentados pontos que diferenciavam a América espanhola da América portuguesa, como o fato de os portugueses, diferentemente dos espanhóis, não encontrarem, no primeiro contato, com os povos aqui residentes, metais preciosos, tampouco encontraram impérios aqui, mas nem por isso tinham o direito de saquear, escravizar milhões de pessoas, aqui residentes. Foi uma aula bastante participativa, do ponto de vista do debate, seguindo o modelo das outras aulas. Tivemos a continuação, em um segundo encontro, momento em que lemos trechos da carta de Pero Vaz de Caminha, com as impressões dele sobre a terra “encontrada”, com enfoque ao fato de não ter visto metais preciosos e o fato de os moradores e as moradoras andarem nus e nuas.

Levantei, na aula, a questão de que a coroa portuguesa não chegou ao que chamamos de Brasil por acaso e que, na verdade, ela tinha a certeza de encontrar terras. Além disso, abordei a bula papal e o tratado de Tordesilhas, como forma de justificar essa observação. Para deixar a aula mais interessante, falei sobre o ocorrido, onde hoje é o município de Baía da Traição, pois as índias potiguares atraíram navegantes colonizadores para uma emboscada, uma “traição”. Destacando alguns grupos étnico-linguísticos, como: os Guaranis, Potiguares, Cariris, Goytacazes, dentre outros.

O último, ou o que deveria ser o último encontro, no dia 12 de dezembro de 2022, houve uma cantata de natal. Nesse dia, havia preparado um pequeno questionário, mas que precisou ser entregue como atividade, para ser respondida em casa e devolvida em outro

momento. O questionário tinha propósitos, de cunho pessoal, sobre o estágio, sobre a estrutura da escola e a importância do estudo da história, tentando compreender se as expectativas dele e dela estavam sendo alcançadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No limite entre minha narrativa e minhas memórias, tentei historicizar processos sociais, pelos quais passei. Dialogar com o passado, em que a minha memória foi usada, em forma de narrativa, para curar, acusar, negar, perdoar, para não esquecer e reconhecer o que passou.

Ricoeur (2007) deu esse norte na escrita, quando o sujeito social se transforma em testemunha, em experiência vivida, em fato da história, de modo que o conhecimento passa a ser transformado e recuperado. Foucault (2014) traz a inquietação da escrita de si como elemento que opera mais próximo da alma, propondo uma relação consigo mesmo, em que você é o emissário e o receptor do seu olhar. Além disso, propõe um exame de consciência, se desalojar. Essa foi a minha tentativa.

A experiência do estágio, como componente obrigatório, por mais efêmera, me fez perceber que o cotidiano da sala de aula, de uma turma de escola pública, revela desafios não só metodológicos, mas também permeia muitas dificuldades, passando por um desinteresse estrutural.

A EJA deve ser pensada para além da alfabetização, apesar de o analfabetismo ser uma afronta à dignidade da pessoa humana. A educação de jovens e adultos precisa ser olhada para além, como o desafio de manter esses alunos e alunas na escola, com um material didático adequado ao público, com estratégias voltadas para cada situação, pois, em geral, são pessoas que possuem baixa renda. Nesse sentido, é importante respeitar o limite de cada um, valorizando seus conhecimentos adquiridos. O que precisa ser combatido não é apenas o analfabetismo, mas, principalmente, repensar a educação em todos os níveis, já que a EJA não é apenas para os estudos iniciais, refletindo, ainda, como o egresso ou a egressa da EJA interpreta essa experiência como acesso a outros direitos.

Esse momento me fez ter mais certeza de que aquele é o meu lugar, o de tentar, juntamente com os alunos, transformar realidades e realizar saberes, que possam servir de alicerce ao pensamento crítico da visão de mundo desses alunos, sair das páginas do livro didático. Porém, sem fugir demasiado do conteúdo programado, o professor de história tem que tentar entender realidades diferentes. Não estou dizendo aqui que será uma tarefa fácil, mas que deve ser buscada e aplicada em cada situação.

Entendi que nós, futuros professores de História, vamos encontrar situações bem precárias, falta de investimentos e realidades distintas, que irão nos colocar em cheque. Devemos compreender que as frustrações fazem parte da docência e que é tarefa buscar novas

formas de abordá-la Descortinar e problematizar são uma exigência do nosso campo de atuação. Por mais que isso represente um perigo à docência, vamos combatendo pela História e defendendo a História. A escola é o espaço de aprendizado, é um ambiente de transformações, em que nós somos desafiados, a todo o momento, a procurar respostas. Dessa maneira, refletir sobre o futuro da História. Espero ter contribuído para isso.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História**. São Paulo: Intermeios, 2019.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil 1988**. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 06 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9394/96**: Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 06 jan. 2023.

BURKE, Peter. **A escrita da História, novas perspectivas**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAMPOS, Ana Cristina. IBGE: esperança de vida do brasileiro aumentou 31,1 anos desde 1940 – A expectativa de vida do homem é de 73,1 anos e a da mulher, de 80,1. **Sítio Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 2020. Net. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/ibge-esperanca-de-vida-do-brasileiro-aumentou-311-anos-desde-1940#:~:text=Em%201940%2C%20a%20taxa%20de,de%2011%2C9%20por%20mil>. Acesso em: 06 fev. 2023.

COELHO, Tiago da Silva. A Imagem e o Ensino de História em Tempos Visuais. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 13, n. 02, p. 188-199, jul. 2012.

DAMETTO, Jarbas; SCHMIDT, Júlia Cristina. Entre conceitos e preconceitos: a patologização da homossexualidade em psychopathia sexualis, de Richard Von Krafft-ebing. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 39, n.148, p. 111-121, dezembro/2015. Net. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_538.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.

DANDARA, Luana. Com primeiro surto no Brasil registrado em 1911, poliomielite ainda preocupa. Fiocruz, 04/05/2022. Net. **Sítio Fiocruz**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/com-primeiro-surto-no-brasil-registrado-em-1911-poliomielite-ainda-preocupa>. Acesso em: 09 jan. 2023.

DUARTE, Marina Silva. **História e memória: o enfrentamento entre Ricoeur e Foucault**. [manuscrito]. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências. 2013.

FAGUET, Émile. **A arte de Ler**. Tradução de Roseli de Fátima Dias Almeida Barbosa. Campinas, SP: Kíron, 2021.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de História e a Incorporação das Novas Tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 139-157, inverno 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sociedade e Política**. Organização e seleção de textos de Manuel Barros Motta. 3. ed. Rio de Janeiro-RJ. Forense Universitária, 2014.

FRAZÃO, Dilva. Alan Turing: Matemático inglês. **Sítio e-biografia**. 2022. Net. Disponível em: https://www.ebiografia.com/alan_turing/. Acesso em: 06 fev. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KARNAL, Leandro. **História na Sala de Aula**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

KARNAL, Leandro. 2018. 1 vídeo (37 min 21s). **Homofobia e transfobia**. Série Preconceitos #4. Publicado pelo canal Prazer, Karnal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sXcp2rMHC8o>. Acesso em: 28 jan. 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

MARINHO, Thiago. Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo. **Confederação dos (as) Trabalhadores(as) no Serviço Público Municipal – CONFETAM**. 2022. Disponível em: <http://www.confetam.com.br/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-lgbtqia-no-mundo-4316/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL. **Dossiê denuncia 316 mortes e violências de pessoas LGBT em 2021**. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>. Disponível em: 06 fev. 2023.

PAIVA, Vanilda. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PINSKY, Jaime *et al.* **Novos debates pela História**. São Paulo: Contexto, 2021a.

PINSKY, Jaime *et al.* **O ensino de História e a criação do fato**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2021b.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro-RJ. Objetiva, 2018.

ANEXOS

ANEXO I – Acervo Pessoal



Batismo



9 meses de idade



Antigo hospital Juiz de Paz
Dr Antonio Bellot de Souza



No colo dos meus pais, em Rio do Ouro-RJ



Infância no Catolé,
Campina Grande-PB

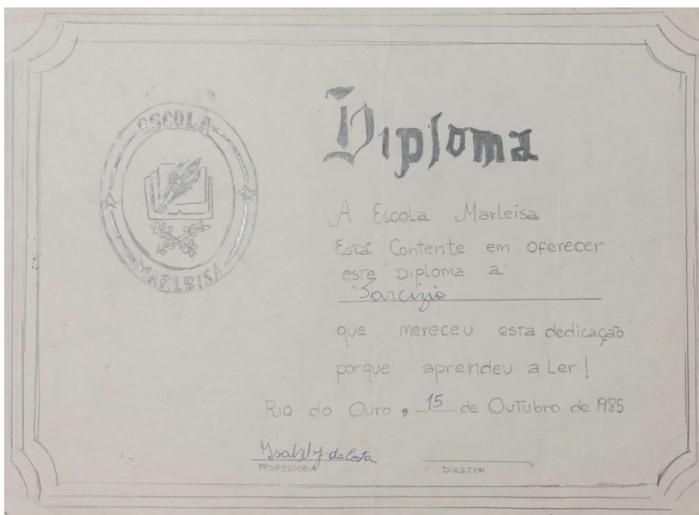


Escola da Assembleia de Deus,
Rio do Ouro-RJ

ANEXO I – Acervo Pessoal



Foto atual da Escola da Assembleia de Deus (2023)



Diploma de letramento – feito em lápis grafite

ANEXO I – Acervo Pessoal



Cantata de Natal na Escola Alceu Amoroso Lima



Cantina da Escola Alceu Amoroso Lima